

Conspiração Literária

Antologia de contos neoístas

Mauricio Duarte

Conspiração Literária

Antologia de contos neoístas

Copyright 2009. Todos os direitos reservados.
Você não pode copiar, exibir, distribuir,
executar, criar obras derivadas nem fazer uso
comercial desta obra sem a devida permissão
do autor.

Capa, diagramação e design de página:
Maurício A. V. Duarte

Agradecimentos:

À Héliida, pelo incentivo e amor;

À meus pais, pela paciência e atenção;

À minha irmã, pelo elogio crítico;

À amigos de infância e juventude, pelo companheirismo.

Sumário:

Nota do autor.....	5
Trinta e dois e pleonasma	7
A mortalha das sombras	12
Esposas, já prá coxia!	27
O menino xadrez	29
Que diabos estive fazendo nos últimos anos?	72
Apartamento 606 – questionamentos	75
Hariel, Hélida e a contenda	101
Joana, a filha do Universo	104
Sobre o autor	151

Nota do autor

“Difícil dizer se criamos a tormenta ou se fomos apenas os primeiros a ser arrastados por ela para o atual campo de batalha. Mas muitas dessas atividades em que nos engajamos estão agora tomando seu lugar no centro do palco do teatro do mundo.”

Entrevista Didática com Stewart Home Manifestos Neoístas

Conspiração literária. Conspiração antiartística.

A conspiração a que me refiro tomou muitas formas desde 1990/1993 até hoje. Não conheço todas elas, nem me esforcei, nem um pouco, para conhecê-las. Uma delas é esta que apresento aqui nesse livro; ela é resultado de intenso e extenso mergulho no meu mundo artístico. Se foi positivo ou negativo, deixo ao leitor, a resposta à essa pergunta. Trato apenas de colocar, nessa introdução, as condições em que se deu minha gênese como contista/narrador desde 2002 até o ano corrente, 2009.

Em primeiro lugar, minha primeira abordagem ou seria melhor dizer, recordação de metas (já que tinha desde tenra idade a intenção de escrever e desenhar histórias – na época histórias em quadrinhos – que depois da pré-adolescência tornou-se aspiração à escritor de livros quando tirei 2º. Lugar em um concurso literário durante o 2º.grau) foi a de escrever um texto, ilustrá-lo e apresentar o projeto a algum

editor. As imagens sempre exerceram grande influência na minha formação como Bacharel em Desenho Industrial – Programação Visual, o famoso designer gráfico. Foi por esse caminho que trilhei a senda da iniciação em artes, pela imagem, em primeiro lugar. Inadvertidamente, a palavra já tinha em mim lugar corrente e cativo; talvez por isso, não julguei necessário me formar em letras ou jornalismo, embora considerasse, seriamente, durante algum tempo, essa possibilidade quando adolescente.

Passou-se muito tempo até que eu recordasse minha meta inicial dos tempos infantis: escrever histórias. Quando ocorreu, pude, finalmente, munido de minhas poucas ou não muitas (depende do ponto de vista) experiências de vida, escrever meus contos.

Baseei-me, primeiro de tudo, em impressões. Segundo, em constatações. Terceiro e último, mas não menos importante, em questionamentos. De tudo isso e mais um pouco, nasceram vários contos e outros tantos microcontos.

Sem mais delongas, apresento este **Conspiração Literária . antologia de contos neoístas** a todos aqueles que julgarem podre nosso atual estado artístico contemporâneo, que fora os grandes gênios aqui e acolá, nada mais nos dá, senão uma constante necessidade de afastamento do mundo da arte, seja por não estarmos afinados com o significado das obras, seja por não estarmos “aptos a decodificar” o significante dessas obras.

Mauricio Duarte (Divyamn Anuraghi)
08/10/09

Trinta e dois e pleonasmos

Pelo menos agora Mourão teria tempo para concluir seu curso superior. É. Nem tudo era tão ruim assim. Afinal, era como dizia a música ...*a case of do or die*... Inevitabilidades do inevitável. De modo algum, tinha Mourão um plano traçado nesse sentido; a vida é assim, costumava afirmar seu avô, reiterando o tio: É a vida; É pois tem de ser, é a vida; reiteração do filho, ele próprio.

O curso superior estava na fronteira daquele patamar no qual se sabe o que quer e, o outro, naquele se acha que se sabe o que quer. Todavia, era tudo o que Mourão necessitava naquele momento. Excitação, nem que fosse intelectual.

--- A mensalidade é paga com boleto?

--- Sim.

--- E em que banco?

--- Qualquer um na rede bancária, senhor.

--- Tem fogo?

--- ãnh?

--- Tem fogo? Pro cigarro?

--- Não é permitido fumar nesse recinto, senhor.

--- ãnh. Obrigado. Tchau.

Pagou, recebeu o boleto devidamente ticado e voltou à casa onde fazia morada naquela avenida;conhecia tão bem que nem poderia errar mesmo que quisesse.Todavia,seria complicado voltar à modorra do dia-a-dia sem Jurema.Solenidade das solenidades seria tomar café da manhã sem creme de chantilly e a barra de chocolate. .Malogro dos malogros seria ler o jornal sem o beijo de bom dia da sua esposa.Fracasso dos fracassos seria lembrar-se daquela cuja presença tinha sido, em todos os sentidos,a razão do seu existir para ... sempre? Saíra de casa sem café e como diz o ditado popular, "saco vazio...";quase tinha discutido com a atendente do curso e isso era imperdoável num homem com mais de 30 anos de idade. 32 prá ser mais pre-ordenado do que a atendente. Moto-contínuo, ele estaria preso à uma realidade totalmente diversa daquela encontrada no dia da separação.

--- Quando começa o curso? -- perguntou arfando.

--- Dia 11.

--- ...tinha dia melhor do que esse, minha senhora?

--- Como?

--- Eh eh eh.

--- Fique sabendo que tenho apenas 23 anos.

--- E eu...

--- Sei. Mais do dobro da sua idade.--disse ela fazendo um beicinho malicioso.

--- 32. Leia meus lábios:T-r-i-n-t-a e d-o-i-s.

Aquela noite parecia mais uma da rotina no laboratório fotográfico. Selecionar os filmes, revelar, aguardar, tirar da emulsão, pendurar; nada de diverso daquilo que ocorria sempre que havia material novo. Porém, a escuridão do laboratório estava mais escura naquela noite. Fosse Mourão, um gnóstico, diria que a noite escura da alma estava prestes a acometê-lo. Como não o era, deixou de reconhecer os sinais quando se apresentavam tão evidentes, embora, obviamente, paradoxais; já que ele estava à beira de um abismo, e esquecer-se de todas as suas "obrigações" espirituais...

--- Quantas vezes eu preciso dizer, Sr. Mourão: Não se pode fumar aqui; nesse recinto!

--- Tudo bem. Compreendo sua preocupação com a saúde dos mais jovens...

--- Não, não compreende. Normas, são normas, Sr. Mourão.

--- Tá bom. Pode parar. Já joguei o cigarro fora.

Apesar de todos os reveses, Mourão tinha lá suas vitórias e até triunfos, quando não, verdadeiras glórias. Eram raras, mas aconteciam.

--- Espeta um.

--- Como é que é?

--- Espeta um. Er... veja... --- disse Mourão adiantando-se a moça que ia pular encima dele --- esse microcomputador merece mais um pente.

--- Sem graça. E eu com isso?

--- Bom. Sei lá. Talvez receba um aumento salarial por essa sugestão, vai saber?

--- É. Gostei. Quer dizer, obrigada.

--- Disponha.

Em qualquer espécie de tarefa tendemos a elaborar um plano anterior à ação propriamente dita. Senão, vejamos: Os 12 trabalhos de Hércules não foram executados de uma vez.... Era nisso que Mourão delineava suas, já combatidas, estratégias, quando deparara-se com Jurema anos atrás. Cabelos castanhos com ondulações, olhos castanhos escuros de um brilho intenso. Cintura definida por uma malhação cuidadosa; fruto, além do mais, de ginástica na piscina e yoga.

De nenhum modo, esse encontro iria frustrar às garras do destino. Mourão aproximava-se perigosamente de seu " derradeiro dia" ou do seu teste final de transmutação. Porém, um adiamento lhe foi concedido por aquela a quem chamava-se a Deusa da

Morte, Hela; ou seria apenas uma Valquíria mesmo e tudo estaria acabado? Nos próximos números se delinearão os convites de Deus ou do demônio e desse modo ouviriam-se as "trombetas do apocalipse" (eh eh eh) ou sinos dobrariam. Não pergunte, não pergunte. É por você, é por você.

Pelo menos agora Mourão teria tempo para concluir seu curso superior. É. Nem tudo era tão ruim assim. Afinal, era como dizia a música ...*a case of do or die...*

A mortalha das sombras

Prólogo

O Grandioso Roteiro de Luciano ou Quem são o Elefante, o Lobo e a Coruja?

As ondas batiam iam e vinham sem parar. As lembranças iam e vinham sem parar, também, naquele dia em que a encontrei pela primeira vez.

Da mesma forma, recordações me assaltavam naquele momento. O mar quebrantava, me lembrando Jacó e suas duas irmãs caçulas gêmeas. Nada daquilo era real ou nada daquilo parecia real para mim naquele momento na praia.

A vida dá voltas é um lugar comum, dos mais batidos, inclusive; no entanto, não consigo arrumar melhores palavras para descrever o que ocorreu comigo nos últimos 5 anos. Quando tinha por volta dos 20 anos de idade, meu pai me chamou num canto e disse:

-- Rapaz, está na hora de dar um rumo na sua vida. Case com Cátia e me dê um neto, uma neta. Não fica me olhando assim. A vida é assim. Não complique!

-- Não tenho dinheiro, não tenho renda.
-- E daí? Eu também não tinha quando
conheci sua mãe. Arrume um emprego, eu te ajudo.
Não tinha, é verdade, dinheiro, nem
emprego, não tinha, é verdade, expectativa de
conseguir nada naquela situação. Dinheiro chama
dinheiro, eu repetia prá mim mesmo, dinheiro traz
dinheiro dizia minha “consciência” e não me
deixava raciocinar direito, pois eu sabia que não
tinha nenhum tostão prá trazer outro tostão, quanto
mais o montante que necessitava para casar com a
irmã gêmea de Elizabeth: Cátia.
O que eu tinha sim, eram pretensões de
escritor, de roteirista de fim de semana e... tinha um
roteiro acabado, escrito, pronto, completo.
É! Sim! O antigo roteiro para peça de teatro do
colégio que acabou sendo encenado diversas vezes
no colégio, sabe-se lá como, sabe-se lá porquê. E
tinha aquela ideia, factível, pois eu conhecia as
pessoas certas nos lugares certos naquele ano, de
transformar, adaptar a peça para história em
quadrinhos. Minhas anotações, --- o texto em si --
nesse sentido, eram todas niilistas de uma linha
mística e, espalhadas por tudo quanto é canto na
papelada de sempre, tinham certo sentido. Tinha
todas aquelas questões a partir da presença do
Elefante, do Lobo e da Coruja e todo aquele
linguajar rebuscado, um verdadeiro Cult. Eh eh eh.
A história começava assim:

Capítulo 1

Atitude

É noite na casa da avó de Luciano. É uma casa de subúrbio no município de São Gonçalo. Os pais de Luciano saíram e os dois jogam xadrez numa mesinha especialmente preparada para o jogo. O Elefante, o Lobo e a Coruja acompanham a partida junto com o menino.

Luciano move o peão numa perspectiva lateral e tenta com isso encurralar o Rei adversário. O Elefante acompanha sorrindo.

A avó de Luciano move a dama numa perspectiva frontal tentando intimidar o ataque do menino. O Lobo acompanha sem nenhuma expressão na mandíbula de Lobo.

Close em Luciano. Expressão angustiada. A Coruja ao lado.

Close no rosto da avó de Luciano. Expressão contente.

----- Xequ mate.

Luciano move o peão e o cavalo de modo a encurralar o Rei adversário na própria casa. É o fim.

Às 18:30 do dia 27 de setembro de 1995, dirigimo-nos, eu e Cátia; ao cartório e lá casamos. Unimo-nos como marido e esposa para dividir alegrias e tristezas, temores e ódios, anseios e desesperanças. Todas essas coisas, narro, não porque elas tenham um lugar pré-determinado na minha mente e eu possa as acessar quando bem entendo, não. Elas vem e vão, como as ondas; a bem da verdade, estive mesmo a ponto de enlouquecer, senão por causa dessas lembranças, por causa das conseqüências do que ocorreu naquele período que agora me recordo.

-- Mais uma vez você venceu, Luciano. Não é porque sou sua avó não, mas desse jeito, não demora muito e teremos um campeão de xadrez na família. --- dizendo isso, Dona Eustáquia levantouse da cadeira onde estava e afagou a cabeça do

menino, no que Luciano fez um desagravo com
uma careta.

-- Mas não faça essa cara, rapaz. Ânimo. Dê
um sorriso. O dia em que eu te ver sorrindo, trago
uma surpresa para ti. Não. Esse sorriso não
vale. Você está fingindo.

-- Quando aprender a sorrir, você verá como
a vida se torna mais bela. Agora recolha-se que é
hora de dormir.

Luciano já na cama, conversa com o
Elefante, o Lobo e a Coruja.

--- A tristeza é a alegria
desmascarada. Quando deixamos de lado a máscara
do contentamento, descobrimos o rosto da
amargura e nele, tal qual num espelho, nos
reconhecemos como imagem e semelhança.

---- Sorria e o mundo sorrirá para você,
Luciano. Vamos brincar? -- diz o Elefante.

--- Não. A angústia e a alegria não são dois,
são um só. Sem a angústia, estaríamos fadados a
um fenesi de estúpida animação. Eu não rejeito a
tristeza, eu a abraço.

O "bode" daquele personagem quase que
me pegou de verdade quando comecei a me
aprofundar nos motivos pelos quais Luciano não
sorrisia. Tanto que até hoje quando já estou separado
da minha ex-esposa, vez por outra, me recordo de
quando escrevia essa narração.

--- Viaje pelas terras da alegria, Luciano. --
- dizia o Elefante.

--- Mesmo a mente extraordinária deve ser
transcendida. A mente da quietude e da indiferença
será minha mente. Só sorrirei no dia em que tiver
supraconsciência.

Enquanto conversavam, os três animais e
Luciano viajavam por uma espiral de estrelas.

--- Deixe o entusiasmo tomar conta de
você e venha brincar comigo.

--- Nada disso vai me fazer mudar de

ideia.

De repente, O Elefante, O Lobo, a Coruja e Luciano são rechaçados por uma onda negra e Luciano começa a jogar xadrez com uma personagem muito estranha; a Mortalha das Sombras.

O Elefante foi o primeiro a se dar conta:

--- Ah, não. Ela de novo.

--- Eu sabia. Eu sabia que ia voltar. – se apressou Luciano em dizer.

---- Quando comparamos os deleites da paixão e as vitórias da comiseração, ficamos com as últimas porque é melhor ter uma atenção por piedade do que nunca ter nenhuma. Seja obediente e não ouça esse palhaço que se passa por Elefante!

Luciano imediatamente abaixou a cabeça e afirmou:

---- Apesar das alegrias serem sempre mais rápidas quando esperamos que elas passem, é inevitável que esperemos. Afinal, esperar pela passagem da alegria é ter de antemão a medida do seu valor, ou seja, muito menor do que a experiência do êxtase.

---- As alegrias valem por si mesmas, Luciano. Mas o valor maior é o da racionalidade e não o do êxtase. --- dissera a coruja que a essa altura era quem jogava xadrez com o menino.

---- Tá bom. Mas esse tal valor diminui a cada momento que passa, porque mais rápida do que a passagem da alegria, é a passagem do tempo. Xequemate.

--- UUUAhhhhh... Estou com sono. Quero dormir. --- dissera Luciano após se virar para o lado.

---- Durma, mas antes tome seu remedinho. Vamos fazer uma viagem. – voou a Coruja para perto de Ludovico e a realidade foi desaparecendo, desaparecendo...

---- A única coisa que eu poderia fazer

agora, além de dormir, é jogar xadrez.

---- Iremos onde se pode evoluir
racionalmente.

----- Onde nós estamos?

----- Estamos na encruzilhada. Nesse
lugar temos nove planetas, com dois satélites cada
um.

----- Não quero conhecer nenhum planeta
e nenhum satélite!

---- Não seja bobo. Você precisa, você
precisa.

Luciano vê um grande descampado com
vários caminhos de estrada batida de terra, cada
qual indo numa direção diversa da do outro.

Mostrando uma espécie de grande estrela
formada por nove linhas, a Coruja voava por entre
círculos e semi-círculos de ondas de energia que
iam e vinham como num campo gravitacional em
expansão e contração. Círculos concêntricos
explodiam expandindo-se, enquanto ondas
aleatórias perfaziam sua trajetória ao longo do
grande espaço de matéria negra que passava à
frente da Coruja e de Luciano. Após o grande
turbilhão de luzes, os planetas começaram a surgir
um a um na frente dos dois como se estivessem lá
todo o tempo, encobertos apenas, pela poeira da
própria ilusão de cada um.

A partir desse momento, passei a
pensar seriamente que rumo tomar naquela história;
fosse qual fosse acabaria com uma... “liçãozinha de
moral”, pois os diálogos estavam rebuscados
demais, papo cabeça demais para o que eu queria,
que seja bem dito. É claro, na época, eu achava
que tinha tudo isso na cabeça. Vejam só:

--- Aqui temos o planeta chamado

Doação. Lá descobriremos que compreensão e
empatia são as matérias básicas das quais se faz a
verdadeira liberdade. --- dizia a Coruja.

---- Em Veracidade, criatividade e

desenvoltura nos mostram o significado da
motivação.

---- Aqui temos Equinamidade,
lugar onde o belo e o transcendente nos mostram
todo o sentido da originalidade.

---- Em Despreendimento vemos
que curiosidade e inventividade podem trazer
clareza de visão à nossa vida.

---- Lá em Confiança observamos
que a dedicação e a coragem são qualidades
intrínsecas da cooperação com o todo.

---- Em Riqueza experienciamos
um contentamento e, ao mesmo tempo, uma
sobriedade que nos levam à abertura para o novo.

---- Serenidade nos traz a
perfeição e a sabedoria próprias da paciência.

---- Em Inocência veremos a força
e a magnanimidade de um espírito guerreiro.

---- Finalmente em União, estamos
com o amor e com a aceitação que são
imprescindíveis à imparcialidade.

---- Esses planetas não me
impressionam!!! Qualquer lugar é bom quando não
se tem aonde ir. Eu renuncio à vida. – praguejara
Luciano.

---- Renunciar não é o
caminho. Renunciar só leva a um esvaziamento da
mente sem nenhuma qualidade criativa. –
respondeu a Coruja no mesmo instante.

--- Quem disse que eu tenho
medo do vazio? O vazio nada mais é do que um
aspecto diferente da realidade maior. Não se pode
conhecer a luz sem conhecer a escuridão e viceversa.

--- rebateu Luciano instantaneamente.

--- Não torne a sua mente
estagnada, Luciano. – pediu, por fim, a Coruja,
tentando uma reconciliação.

--- Podemos jogar xadrez
agora? --- perguntou Luciano a avó.

--- Esta partida você não poderá ganhar, querido neto.
Luciano e sua avó jogam xadrez num pequeno tabuleiro.
---- Eu perdi!!!!!!! Eu perdi!!!!!!! Ah!!!! Ah!!! Aah!!!!!!! Eu perdi!!!!!!! --- Luciano acorda de um sonho/pesadelo em sua cama, totalmente nervoso.
A mãe de Luciano abre a porta do quarto e o vê totalmente fora de si, gritando.
--- O que você perdeu, meu filho? Teve mais um pesadelo de novo?
Luciano retoma o controle de si mesmo repentinamente.
--- É. Mais um pesadelo. Dessa vez foi um pouco diferente.
--- Diferente como? Você quer contar?
--- Não.
--- Venha tomar café, Luciano.
Hoje nós vamos ao Jardim Botânico. Você vai conhecer toda aquela beleza, vai ser ma-ra-vi-ihoso!!!!
Você vai adorar!!!
--- Jardim Botânico é um saco!
Não quero ir não.
--- Como você pode dizer que é um saco? A gente nunca foi.
--- É um saco assim mesmo!!!!
A mãe se afasta prá preparar o café.
--- É precioso o período em que passamos em disciplina porque é ele que nos dá a certeza de que o tempo como pressuposto do contentamento e da ação não é senão uma sutil violência. Viver é não ter esperança.
--- Esse pensamento deletério não condiz com você, menino. --- entrou o Elefante, tentando dialogar com o niilista mírim.
---- Prá que ser alegre e estar com

os outros se o que mais quero fazer no momento é ser taciturno e estar comigo mesmo. Meu eu é muito mais interessante.

---- Nenhum eu e todos os eus:

esse é o caosmos. Preste atenção nas escrituras --- voltou à carga a Mortalha das Sombras.

---- Preciso de paz e quietude.

---- A paz e a quietude só são alcançadas gradualmente, passo a passo. - a Coruja afirmou categoricamente enquanto voava em torno do menino.

A Mortalha das Sombras, infinita, desapareceu como se nunca estivesse estado lá. Luciano foi deixado só pela Coruja, pelo Elefante e pelo Lobo.

Por aí 'deu prá perceber' que o Luciano em questão é uma projeção da minha própria infância no personagem. Até por ter ele o mesmo nome que eu. Digo isso, pois estou realmente de saco cheio dessa lenga lenga onírica ou de sonho lúcido ou seja lá o que for, que pouco me importa mesmo e acho, não, tenho certeza que está na hora de iniciar o capítulo 2:

Capítulo 2 **Pensamento**

--- O que? Me deixaram sozinho? Pois bem; vim só ao mundo, só irei embora desse mundo. --- gritou Luciano.

Luciano começa a caminhar, caminha muito por entre paisagens desoladas, ninguém, nenhuma viva alma aparece. Sem esmorecer ele continua. Close no suor do rosto do menino.

Até que vê novamente a Coruja,
o Elefante e o Lobo, este último destacado e
caminhando sob duas patas. A Coruja e o Elefante
carregam uma espada cada um.

De repente, Luciano e o Lobo
encontram-se frente a frente, com uma distância de
alguns metros. A Coruja entrega sua espada ao
Lobo; enquanto o Elefante entrega a sua a Luciano,
como numa antiga formalidade de duelo entre
cavalheiros.

Os dois lutam bravamente e
tanto o Lobo quanto Luciano lutam para vencer o
combate. Ao final, de longos 30 minutos, o Lobo
arrefece e recebe um golpe fatal. Caído ao chão e
ensanguentado, ele conclama Luciano à
'maturidade':

---- Finalmente. Agora,
cof,cof,cof... faça o mesmo com os outros. Mate
esse Elefante estúpido e essa Coruja
arrogante. Livre-se deles para sempre e viva sua
vida!!!

--- Acorde, Luciano. Vamos à
psicóloga hoje.

--- Eu não quero ir, mãe.

Luciano deitado na cama e sua
mãe atarefada como sempre.

--- Tá bom. Dessa vez você fica
em casa com sua avó e marco outro dia. Vê se não
apronta, hein? Lembre-se você só tem 11 anos de
idade e não 79 como sua avó.

--- Mas eu sempre ganho dela no
xadrez.

--- Isso não quer dizer nada. Você
não tem experiência suficiente prá decidir essas
coisas o tempo inteiro não.

--- Você tem de me deixar
ganhar pelo menos uma vez, campeão. Senão não
jogo mais com você. --- exigiu a avó, com voz de
autoridade.

--- Tá. Mas só uma vez.

Após alguns minutos, o rei de Luciano se vê em xeque-mate, vítima de um ataque maciço.

--- Até que enfim, eu venço o grande Luciano. Maior enxadrista de São Gonçalo!!! Eh, eh, eh. – diz a velha senhora derrubando o rei com o bispo.

---- É. Mas eu deixei.

--- Tá ceeeerto!

Procurava, no tempo em que escrevia esse trecho, algum limite (plot-point) onde eu pudesse dar uma guinada na história.

A guinada, no entanto, ocorreu foi na minha vida real, quando conheci o editor da revista Fluxo dos Quadrados que, ao ler o roteiro da HQ, fez pouco caso da história, disse que era muito batida e que já tinha visto outras semelhantes, mas que eu tinha futuro como roteirista e que se quisesse, estaria contratado.

Não é preciso dizer que aceitei na hora e o roteiro, bom, esse voltou para a gaveta e retornou ao estado de trabalho de colégio bem sucedido; nada mais.

O emprego permitiu que eu e Cátia nos amássemos por um período maior. Fiquei contente.

--- Sai de perto de mim! Vai embora! -- grita Ludovico à Mortalha das Sombras que se aproxima.

---- Lembra quando você cuspiu no rosto do seu pai, Luciano? Lembra quando seu pai morreu? Lembra quando ele disse que te amava e você ficou quieto, sem dar uma palavra? E quando ele te deu de presente aquele brinquedo, o carrinho de pilha, e você jogou fora, você lembra? Não, você não lembra. Tudo isso são esquecimentos porque quem comete uma falha esquece no momento seguinte e nunca presta

atenção nas falhas que vai cometendo aos poucos ao longo da vida. --- questionadora, a Mortalha das Sombras fica frente a frente com o menino.

---- A vida não tem sentido se olharmos para as suas decepções, mas tampouco existe sentido nas esperanças e anseios pois eles são como a cenoura amarrada a um bambu na frente do burro pelo cavaleiro, não se realizam em nenhum momento. --- Luciano encara a Mortalha.

--- Agora você murmura seu veneno, mas não observou a regra de ouro. Deu as costas ao verdadeiro caminho de forma tão despuddorada que nem ao menos lembra-se das faltas cometidas. Ainda é tempo para o arrependimento, Luciano.

--- O caminho do nada é o verdadeiro caminho. Na verdade, crer ou descreer são faces da mesma moeda pois o oposto nunca é realmente diferente do original, é apenas o mesmo, invertido. --- diz Luciano categoricamente.

Close no rosto aflito do menino e na frente da Mortalha das Sombras, acusadora.

---- Ousa invocar as palavras do mestre? Quem é você? Apenas um criminoso. Coloque-se no seu lugar e arrependase. Arrependa-se de todos os seus crimes. Os do passado, os do presente e os do futuro. Basta querer com todas as forças. --- A Mortalha aponta o dedo a Luciano e o encosta na parede.

---- Cale-se!

---- Irei embora. Quando quiser voltar para o caminho, é só dialogar com o mestre.

A Mortalha das Sombras desaparece nas próprias sombras do recinto, como se por elas tivesse sido criada.

Luciano sente-se subitamente bem com o desaparecimento da criatura sombria e ao mesmo tempo, experimenta uma vontade enorme de encontrar-se com o mestre espiritual por

ela mencionado.

--- Quanto tempo não encontro o mestre? Dois anos? Três? Não sei. Onde ele se encontra agora? Também não sei. Mesmo assim, tenho de achá-lo.

--- Viajar no tempo-espaço é tarefa árdua, menino. Tome seu remedinho. --- diz o Elefante aparecendo junto com os outros.

---- Tá bem. Obrigado.

Depois de alguns minutos:

---- Uaaaaaaaaaaaah!!! Estou com sono! Vou dormir!

---- Boa noite, Luciano. – diz a Coruja.

Uma imensa floresta tropical. Luciano sobrevoa a mata fechada numa muiiraquitã gigante, um tembetá adornado com penas de várias espécies de pássaro.

De repente encontra-se numa picada no meio da mata. Luciano aproxima-se e vê um duplo seu, alguém totalmente igual a si próprio bem na sua frente. Close no rosto aturdido de Luciano.

--- Quem é você?

--- Seu mestre.

--- Agora que achei você me diga como posso voltar para o caminho?

--- Não procure e você o encontrará. Na verdade não foi você quem me achou. Fui eu quem fui buscar você. E não pense que poderá sair do caminho depois que entrar.

--- Mas eu entrei uma vez e sai depois.

--- Você achou que tinha entrado. Eis tudo.

--- A mortalha das sombras...

--- Ela é necessária neste plano de existência.

O Mestre se abaixa e pega

uma vareta de madeira. Luciano observa curioso. O Mestre desenha no chão, com a vareta, um círculo com um ponto no centro.

--- Veja. Esse é você no centro. E essa, circundando, é a existência. Não tente sobrepujá-la. Não conseguiria de forma alguma.

--- No tempo certo você estará em contato com outras pessoas. Pessoas diversas dessas que você encontra todo dia, mas elas não pareceram como pessoas para você.

--- Serão sombras como a mortalha?

--- Não. Serão um Elefante, um Lobo e uma Coruja.

--- Eu já os conheço. Em que eles são diferentes?

--- Não. Você acha que conhece.

--- Morte e vida estão entrelaçados no vazio. O vazio que rege nossas vidas. – dispara Luciano.

--- Quando todos os outros forem embora e só restar você; então esse será o caminho.

---- Pense, Mestre, numa reunião de pessoas onde você se colocou à parte por livre e espontânea vontade. A reunião continua sem você / mim, mas eu / você não me machuco por isso. Apenas observo e tudo ocorre como se eu / você não existisse.

---- ...

---- O que foi? Mestre?

---- Você está pronto. Não sei a razão pela qual não percebi anteriormente...

---- Como?

--- É chegada a hora.

Epílogo Elegia

E assim termina a aventura de Luciano. O menino iria, eu disse iria, crescer, desenvolver o intelecto, casar, ter filhos e mostrarse como qualquer um no final das contas.

Ficou uma bela história no final, um tanto quanto piegas e pedante, é verdade... Quem saberia... Também, não penso mais nisso não.

Bem, esqueci de dizer, da conversa que Luciano teve com o Elefante, o Lobo e a Coruja. Não foi uma conversa muito bonita, por isso não a transcrevo aqui. Luciano tomou seu remedinho pela última vez. Esvaziou o frasco.

Separei-me de Cátia no mesmo dia em que consegui publicar essa história em quadrinhos, desenhada pelo Jacó. No mesmo dia perdi o emprego, também.

Esposas, já prá coxia!

Caldas de chocolate batiam na caçarola e estalavam imediatamente na boca de Azevedo enquanto ele observava sua esposa. A mulher nada tinha de especial, não era faceira do modo de uma mucama solícita, também não era sensual. Muito menos exibia-se com coxas grossas e seios fartos. Não era uma das malvadas, que fazia qualquer homem tremer com três frases e um belo decote. Mas Laurinda Lourenço tinha aquilo que se chamava tensionamento de uma linha prá outra. Azevedo gostava daquilo.

Na verdade Azevedo tinha uma grande virtude e isso nem Laurinda poderia negar, desde o começo: esse ó do borogodó foi fazer cara de paisagem quando se deu conta do que estava por ocorrer. Os poemas cybergóticos de Laurinda iam ficando mais e mais góticos do que qualquer coisa. As trevas aproximavam-se. Nesse interím, Laurinda de forma nenhuma mostrava-se afeita aos afagos e carinhos de Azevedo.

Daquela feita, percebeu que droga nenhuma poderia esperar daquela mulher, o que era ótimo, por um lado, afinal, prá que...? Enfaticamente perguntara-se aquele questionamento a seus botões, oblongamente, pois tinha grana, pouca, mas tinha; tinha prá gastar e tinha prá guardar, entretanto por qual... razão?!? Ela que fosse prá onde quizesse!!! Quanta petulância!!! Logo ele que tinha alugado a casa com

tanto esforço prá que os dois tivessem um canto só deles. O proprietário dissera:

--- Não, não senhor. Sem problema. Pode pendurar o quadro que quiser, desde que sem furar a parede.

Não, não era tão ruim assim. Na verdade era péssimo!

--- Como diabos vou pendurar um quadro sem esburacar a parede?

--- Não me pergunte. Isso é com você. Pode fazer o que quiser. Apenas não esburaque a parede.

Estava, é claro, exagerando. Laurinda não tinha culpa de verdade. O que eu tinha que dizer é:

--- Esposas, já prá coxia!!!!

Fosse eu, um sultão de época antiga, não teria nada demais, ora, ora... Mas não... eu fui nascer no século XX e vivia no XXI. Apenas uma esposa limpava meus pés, limpava; não limpa mais.

O Menino Xadrez

Capítulo I - Ludovico

Enquanto arrumava as peças no tabuleiro para jogar xadrez com seu avô, Ludovico lembrava-se do sonho que tivera à noite. Sonhou com duas figuras bem diferentes uma da outra: Um era alegre e engraçado, ficava andando de um lado para o outro e dava cambalhotas. O outro era feio, tristonho e ficava parado num mesmo lugar, mas ameaçava se espalhar por todos os cantos como se fosse vento. O menino não sabia o nome deles.

Nas partidas com o avô, assim como nas com o pai e o tio, se via um vencedor logo depois dos lances da abertura do jogo. É que Ludovico tinha pleno domínio da partida desde o começo e para chegar ao xeque-mate se valia de jogadas claras, como fazia o grande mestre Capablanca. Costumava-se jogar xadrez no colégio onde o menino estudava durante as horas vagas e ele tinha desenvolvido muito a sua habilidade. Como já era esperado o menino venceu e o avô contou-lhe algumas estórias antes de ir embora. Depois que o pai de Dona Cletilde, mãe de Ludovico se foi, ele recolheu as peças para dentro do tabuleiro que na verdade era uma caixa de madeira. Na primeira vez que jogou xadrez, num curso da escola, não imaginava

que teria tanta facilidade. Tinha então dois anos a menos que os 14 de agora. Proteger o próprio o rei e atacar o do adversário. Essas eram as premissas básicas que o menino aprendeu desde o início e era o que ele colocava em prática quando jogava.

-- Para tirar o rei do centro é preciso fazer o roque. -- repetia o instrutor para Ludovico quando ele estava aprendendo. -- Pode-se fazer o roque pequeno, do lado do rei ou o roque grande, do lado da dama. -- continuou ele. -- Controle as colunas abertas, ative as peças principais, troque peças se estiver em vantagem, domine as casas centrais, prenda o adversário na defesa, observe a estrutura de peões, crie pontos fracos...

-- Fazendo tudo isso vou ser um campeão mundial? -- interrompeu o menino.

A resposta que ele obteve não foi satisfatória. Ser um campeão mundial dependia de muito esforço pessoal e horas de estudo em volta do tabuleiro. Para Ludovico não era o bastante. Ele queria ser o melhor e queria ser o melhor já. Estudou com o instrutor e até conseguiu vencer uma partida com ele. Estudou tanto que passou a ganhar as partidas com todo mundo. Entrou num torneio de xadrez que envolvia três colégios da zona norte do Rio de Janeiro e acabou vencendo o campeonato, sendo o mais jovem vencedor de uma competição desse tipo.

Para passar o tempo lia livros com lances e jogadas dos campeões mundiais. Karpov e companhia preenchiem de satisfação o menino. Leu também um livro que achou engraçado que falava das peças: "O rei é livre em todas as direções, pois a ele compete o desvelo de todas as coisas; A rainha não se desfaz jamais da honra de sua cor, os coselheiros (bispos) deslocam-se movidos por reta intenção; os cavaleiros (cavalos) deslocam-se obliquamente, é verdade, mas sem planos artificiais e apenas para se esconder, o que é da mais alta importância na guerra. ; os legados (torres) deslocam-se sempre em linha reta, pois devem

realizar sempre suas missões com retidão ; os peões deslocam-se para a frente e em linha reta, salvo quando ferem o adversário. O livro continuava e falava da solicitude da casa do rei -- Ludovico não sabia o que era solicitude e fora olhar no dicionário -- da honestidade na casa da rainha, do juízo comedido na casa dos bispos, do cortejo modesto na casa do cavalo e quanto aos peões, que evitavam operações fraudulentas, de acordo com os interesse do Estado.” O menino também adorava histórias-em-quadrinhos. Gostava de Dick Tracy, o herói detetive. Sabia que sua mãe encorajava-o a ler livros ao invés dos álbuns e das tirinhas, mas ele não se importava com os seguidos protestos de dona Cletilde. Aliás ele tinha aprendido a ler através dos gibis que sua mãe comprava. Antes mesmo de ser alfabetizado, já ensaiava seus primeiros passos como leitor através das revistas em quadrinhos e das tiras dos jornais.

Só de vez em quando Ludovico lia livros e aí ele pegava um dos exemplares de uma coleção de romances infantis. Mas isso era raro, o que ele gostava mesmo era de ler a Bíblia. Começara pelo Apocalipse e depois não tinha mais parado. Impressionara-se com uma passagem onde “quatro animais, cheios de olhos na frente e atrás” e “com cada um seis asas cobertas de olhos por dentro e por fora” clamam por Deus e prestam-Lhe homenagem. Após isso vinte e quatro anciões “inclinavam-se profundamente diante daquele que estava no trono”.

Ele fazia muitas perguntas aos pais sobre a Bíblia e levava a história do filho de Deus muito a sério, como aliás fazia com tudo o que estava ali escrito.

-- Mãe, essa sopa é um sacrifício pelo pecado? -- perguntou o menino após começar a comer o prato de sopa que sua mãe tinha colocado pra ele.

--- De onde é que você tirou essa idéia?

Ele explicou que tinha lido na Bíblia que Moisés repreendera os filhos de Aarão por não terem comido no lugar santo o sacrifício pelo pecado. Aarão

perguntara: Depois do que tinha acontecido - dois de seus filhos mortos - seria do agrado do Senhor se ele tivesse comido a vítima pelo pecado? Moisés então se deu por satisfeito.

-- Essa sopa é um sacrifício sim. É um sacrifício colocar comida na mesa todo dia. – disse a mãe sem paciência.

-- Então não vou comer.

E era complicado fazer Ludovico comer. Mais valeria se dona Cletilde tivesse dito outra coisa e assim teria aproveitado o momento para fazer o menino engolir a sopa que tinha preparado com tanto gosto.

Outra coisa que ele fazia muito a contragosto era estudar História. Não havia quem pudesse convencê-lo de que a matéria era importante. Estudar nunca foi problema para Ludovico; ele sempre se dava bem nas provas do colégio e nunca teve repreensões por mau comportamento, mas Estudos Sociais - como era chamada a matéria - não era o seu forte. Reis, duques, duquesas, marechais, tratados, guerras, acordos, tudo parecia muito abstrato para o menino e ele preferia muito mais um bom problema de Matemática do que qualquer questão de História. Só quem conseguia o feito de fazer Ludovico gostar de História era o avô dele, Seu Osvaldo e isso porque os dois jogavam muito xadrez. Seu Osvaldo contava histórias para o menino e os dois saíam revigorados da conversa. Aliás Seu Osvaldo e Ludovico conversavam sobre tudo menos sobre o fato do avô ser militante de esquerda. Sua mãe não queria que ele tocasse no assunto. Era porque Seu Osvaldo tinha sido preso durante a ditadura por causa dessas suas orientações ideológicas.

Segundo sua professora Ofélia, Ludovico era um aluno regular. Não tinha notas muito baixas nem muito altas. Não tinha faltas, mas também não participava da aula com entusiasmo. Não fazia bagunça, mas a professora tinha que lhe chamar a atenção por causa da constante distração e até mandaram vir sua mãe para que se

contornasse esse defeito.

No geral o colégio não despertava grande entusiasmo por parte do menino. Um episódio, no entanto, deixou-lhe receoso. Ele estava no banheiro, junto com outros dois colegas. Um dos garotos depois de mijar, mostrou a Ludovico o pênis e disse-lhe que deveria sempre colocar o piu-piu naquela posição, para cima. Depois começou a se masturbar e falou pro menino fazer o mesmo quando estivesse sozinho em casa no banheiro. E foi assim que Ludovico aprendeu aquele estranho hábito. Mas o menino nunca mais vira seu colega depois daquilo. Dias depois esse mesmo colega fora chamado atenção por ter quebrado a porta do banheiro e logo depois fora espulso do colégio. Ludovico gostava do colégio e de estudar. Só não gostava quando começavam a fazer perguntas pra ele. Passava longos momentos sozinho, sem vontade de falar com ninguém.

Ir à Igreja também não lhe parecia algo animador. O menino não via muita graça em ficar de frente para um padre que falava sermões durante uma hora. Sobretudo ele não entendia o momento da comunhão. Por um sentido de respeito e para não demonstrar sua ignorância, ele não buscava quem pudesse lhe esclarecer a respeito da cerimônia.

Ele não costumava pedir explicações para ninguém e não costumava conversar demoradamente com as pessoas a não ser com seu avô. Isso porque tinha um sentimento de angústia que o acompanhava há muito tempo e que nem seus pais sabiam. Seus pais brigavam muito, o que deixava o menino mais solitário ainda. Os poucos amigos eram os do colégio e quando estava em casa não havia ninguém para brincar além dos seus pais que estavam muito mais interessados em suas discórdias do que em se divertir.

E Ludovico ia vivendo assim, jogando xadrez e lendo histórias-em-quadrinhos. Gostando de ler a Bíblia, detestando estudar história e ir à Igreja.

Capítulo II - Ludovico de olho nos sonhos

O sentimento de angústia de Ludovico foi aumentando e certo dia ele disse para todos que era o filho do diabo e desse dia em diante, passou a conversar menos ainda com as pessoas. Sempre fora complicado conviver com o menino, mas a situação ficou tão difícil que seus pais o levaram a um psiquiatra. Ter problemas desse tipo implicava numa série de coisas. Para começo de conversa, tinha as sessões com a psicóloga. Ludovico não sabia o que ela queria. Ficava lá de frente para ele, esperando alguma coisa, esperando que acontecesse algo. Ele não sabia o que era. Depois de duas sessões assim, a psicóloga chamou a mãe do garoto. Era como no colégio. Desde o jardim de infância, depois de algum tempo, sempre mandavam vir a mãe.

Com o tempo ele aprendeu que deveria falar bastante nas sessões de psicologia. Foi o que ele fez. Numa das sessões falou tanto que o tempo acabou e ele ainda estava falando. Ludovico gostava de xadrez. E foi sobre isso que ele falou. Disse que o peão, ao contrário do que se pensa, é a peça mais importante do tabuleiro, é a alma do xadrez. Falou da capacidade de prever vários lances à frente, o que é fundamental. Disse que o cavalo numa boa posição poderia atacar oito casas enquanto que numa posição como a do canto, só duas. Um cavalo vale um bispo. Uma rainha vale duas torres ou uma torre, um bispo e dois peões. Uma torre vale um bispo e dois peões. Sobretudo havia uma regra a se seguir: tomar a iniciativa. A iniciativa vale metade da batalha.

Ludovico gostava de histórias-em-quadrinhos. E foi sobre isso que ele falou. Ele contou sobre Dick Tracy; disse que seria como ele quando crescesse. Durão e mau com os perversos. Seria um herói cabeçudo e valente, um herói com mocinha e tudo. Foi a promessa que ele fez a si mesmo quando seu pai comprou o capacete de polícia rodoviária.

Ludovico gostava de sonhar. E foi sobre isso que ele falou. Disse que certa vez viajava num transatlântico junto com outras pessoas. E uma baleia gigantesca acompanhava o navio com incrível desenvoltura.

--- Por falar em peixe, o peixe enchada parece o peixe galo. Mas o peixe enchada não tem o bico na ponta. Característica do peixe galo. O enchada parece uma enchada.

Seu pai gostava de peixes. E ele sabia todos os nomes deles, de cada um. E cada um tinha uma estória diferente. Mas a psicóloga apressou-se em corrigir o menino. Baleia não é peixe. Vive no mar. Mas não é peixe. Mama como a gente, por isso não é peixe. Outra vez sonhou que era um super-herói. Desses com capa, cueca encima da calça e bota. Tinha também uma super-heroína e eles se encontravam. Voavam juntos por cima de um monte de construções. Depois se separaram. Cada qual foi pra um lado e não se encontraram mais.

Já noutra vez sonhou novamente com as duas figuras que se mostravam a ele, como que disputando sua atenção. Um era luminoso, dava cambalhotas e sorria o tempo todo. O outro era escuro, andava de cara amarrada e espalhava o corpo para todos os lugares. Às vezes ele sonhava que era outra pessoa. E sonhava que era o herói Dick Tracy caçando bandidos pela cidade. Quando ele colocava o capacete de polícia rodoviária, contra sua autoridade ninguém podia. E ele podia entrar em qualquer lugar, até na casa do vizinho! A casa tinha dois andares e num dia o garoto entrou lá. Dona Letícia, que é a dona da casa, não queria que ele ficasse perto das janelas. Sabe-se lá

o que aquele garoto estava pensando. Talvez imaginasse que era o Super-homem e que sairia voando. Mas o menino era o Dick Tracy e ele não saía voando por aí, ele andava de carro e por isso ele foi atrás das chaves do carro do vizinho, seu Ariovaldo, marido de Dona Letícia. E quando ele ficava assim, era impossível demovê-lo de seu objetivo. Como não achasse as chaves, voltou para casa, imaginou que seu pai tivesse um carro e desandou a procurar as chaves. Não descansou dia inteiro. Sua mãe já não sabia mais o que fazer. Felizmente o dia acabara e Ludovico esqueceu do que estava fazendo. No dia seguinte ia para a escola e não podia ficar desse jeito, tinha que voltar ao normal. A mãe tirou-lhe o capacete e o colocou para dormir.

Mas no dia seguinte quando voltava da escola, era outra pessoa, não era o Dick Tracy ou o super-herói de capa que voava, mas uma pessoa diferente. Ludovico era o filho do diabo. E ele, o diabo, vinha falar com o seu filho, o que dava medo no menino. Ele tinha um medo danado, porque quando se olhava no espelho via uma espinha gigante que tinha crescido na sua testa e que ele dizia ser era um chifre. O chifre do filho do diabo! De repente o dia passava mais depressa e logo já era tarde e depois noite e o menino não tinha feito nada o dia inteiro a não ser ficar com medo e se esconder. Quando isso acontecia a mãe dizia que ia levá-lo no centro de orações espírita. E algumas vezes levou mesmo. Mas ele não gostou. Havia um monte de gente em pé rezando junto de frente para a imagem de uma cruz toda cheia de raios. Aí vinha uma moça passando as mãos em volta do corpo dele, passava pelo corpo inteiro e depois segurava nas suas mãos. Muito estranho, pensou o menino. Mais estranho do que a hora da comunhão na outra igreja que ele tinha ido. Essa bem grande e cheia de ornamentos.

Mas as idas e vindas nas igrejas não adiantavam. Ludovico continuava sendo o filho do diabo. E como tal ele não obedecia a sua mãe, nem ao seu pai, não

obedecia a ninguém. Nesses momentos só o que ele queria era ficar escondido, na cama, longe de todo mundo. Não adiantava chamá-lo, ele não viria enquanto o medo não passasse.

O menino sonhava que podia controlar o tempo; era só falar tarde e ficava de tarde, manhã e ficava de manhã. Só que às vezes, o tempo escapava do controle e aí era um Deus nos acuda, porque com o tempo solto ninguém podia. E era um tal de correr de um lado para o outro para ver se o tempo voltava ao normal, era um tal de plantar bananeira para ver se controlava de novo o tempo. Ludovico não parava quieto e sua mãe já não sabia o que fazer.

-- É assim o tempo inteiro, Athaide! Não se aguenta mais isso! Esse menino tem que tomar um passe!

-- Deixa estar, deixa estar! Pode ser só mais uma brincadeira de criança, mulher.

E os pais de Ludovico recebiam da psicóloga a mesma resposta de sempre: -- Com o tempo isso passa. Com o tratamento e o acompanhamento da família era de se esperar que sim, mas o que se via era justamente o contrário. Num dia dona Cletilde e seu Ataíde tinham ido na igreja e deixaram o menino com o tio. Estava passando um programa de variedades onde os participantes respondem a perguntas feitas por um apresentador cheio de atitude juvenil e seu Greco gostava daquilo. Tentou convecer Ludovico a assistir ao programa, mas sem sucesso; o menino estava ocupado demais com os pedaços de madeira do quintal que trazia para a sala. O tio, apesar de ciente dos problemas psiquiátricos, não achou nada de mal naquilo, o máximo que podia gerar era alguma sujeira aqui e acolá e afinal de contas o menino era muito sozinho sem a presença de um primo ou mesmo de um irmão. Mais de uma vez, Seu Greco havia alertado Seu Ataíde e dona Cletilde sobre a possibilidade de darem à Ludovico um irmãozinho ou irmãzinha, mas eles relutavam em aceitar a idéia. Seus pais também não paravam de discutir a todo momento e por qualquer

motivo, o que Seu Greco avisava, só fazia piorar a situação do garoto.

Depois do programa, começou um filme de luta marcial onde 90% da ação se resumia a brigas entre os atores. Seu Greco não estava interessado naquela diversão. Adormeceu com a TV ligada. Derepente acordou assustado com o barulho de crepitar de chamas e com o calor. O filho do diabo tinha erguido uma fogueira em homenagem à Satanás em plena sala de estar! Dançava em volta de seu brinquedo e falava palavras da Bíblia como se realizasse algum ritual estranho. Foi um custo para apagar a fogueira e evitar um incêndio. Depois disso as atenções com o menino foram redobradas. Seu pai e sua mãe funcionavam como um relógio, alertando a hora dos remédios para Ludovico e a hora de dormir. Não se podia descuidar um só momento. A psicóloga disse que aquilo era uma fase e que ao longo do tratamento, o comportamento dele tendia a mudar, mas de novo as expectativas foram frustradas.

-- Porque que eu tenho que tomar remédio? Já chega de remédio! -- resmungou ele depois de engolir as cápsulas.

-- Você tem que tomar porque o médico mandou -- afirmou a mãe categórica.

-- Se eu fosse rico não teria que tomar remédio!

--Se você fosse rico teria que tomar remédio do mesmo jeito, sim senhor. Rico também toma remédio, sabia?

-- Em primeiro lugar se fosse rico não teria tido essa doença.

A mãe respondeu que poderia a ter ser verdade, mas que naquele momento o melhor seria que ele obedecesse porque a situação dele não estava muito boa. Era a mesma resposta de sempre. Após ter queimado a fogueira em plena sala nas barbas do tio que estava dormindo, os pais começaram a dizer-lhe os habituais “ sua batata está assando” , a “coisa está preta para seu lado” e assim por diante. Ludovico já estava acostumado e nenhuma dessas afirmações

intimidou-o quando ele resolveu que não iria mais tomar remédio.

-- Porque você não quer tomar o remédio? -- perguntou a psicóloga com o ar mais curioso possível. Tentava não contrariar o menino e assim conquistar sua confiança.

-- O diabo vai ficar triste comigo.

-- O que?

-- O diabo. Ele fala comigo, sabia?

-- O que ele falou dessa vez, Ludovico?

-- Disse pra gente ser independente Dona Éstér. Pra gente tomar conta do próprio nariz.

-- O que mais?

-- Disse umas coisas. Disse que era mais fácil um caminhão passar pela cabeça de uma agulha do que eu voltar a tomar remédio.

-- Porque ele disse isso? Você acha que é isso que ele quer?

-- Acho.

-- Pois agora eu vou lhe contar uma coisa: A gente não tem que obedecer o que o diabo manda não. Nós temos uma escolha chamada livre arbítrio que nos ...

-- Mas se a gente não fizer não ganha presente.

-- Ludovico, escuta aqui. Você já está bem grandinho e...

-- Já sei. A coisa não está boa pro meu lado.

-- Não é isso. Você já está bem grandinho e sabe o que deve e o que não deve fazer. Olha aqui, vamos chegar a um acordo. Se você voltar a tomar remédio, ganha um presente.

-- Quem garante?

-- Eu vou falar com a sua mãe.

-- Mas tem que ser uma pistola.

-- Para que você quer uma pistola?

-- Uma pistola de brinquedo.

-- Sim, eu sei. Mas para que?

-- Para eu caçar os bandidos como o Dick Tracy. O diabo falou que eu podia caçar os bandidos que ele não ficava com raiva não. Sabe, o diabo não é tão ruim

quanto a gente pensa. Ele só não tem muito jeito pra falar com a gente.

-- Ah, é?

-- É. Ele é meio envergonhado sabe.

-- E o que você acha que ele vai achar quando souber que você voltou a tomar remédio?

-- Não sei. Só sei que aquele caminhão não vai passar na cabeça da agulha.

Capítulo III - Segredos

-- Temos que ter uma conversa de homem para homem. -- Disse Seu Ataíde de forma severa. -- Você já está bem crescido e já pode entender o que vou lhe dizer. -- O menino escutava atento e não ousava interromper o pai, embora a vontade fosse grande e ele soubesse que mais cedo ou mais tarde iria fazê-lo. -- Eu e sua mãe não estamos muito bem. Nós temos brigado um bocado e a situação só tem piorado. O que eu estou tentando te dizer é que ... bom, não é fácil explicar. Er... Deixa eu te contar uma estória como costuma fazer o seu avô. Uma vez um homem queria se casar e ele foi se encontrar com três garotas com um pedaço de queijo para cada uma. Uma delas comeu o queijo com casca e tudo, a outra partiu o queijo sem cuidado e desperdiçou um bom pedaço, a última partiu o queijo rente, nem de mais nem de menos. Foi com essa que ele se casou.

-- Eu já ouvi essa estória. Você quer dizer que a mamãe não partiu o queijo direito?

-- Não. Não é o que eu quis dizer. A mamãe nem quis comer o queijo. O que eu quero dizer é que você vai crescer e um dia vai encontrar uma moça bem bonita que vai gostar muito de você de um jeito

especial, nem de mais, nem de menos e você vai se casar com essa moça. E talvez você e a moça tenham alguns problemas. Daí voce vai entender melhor o que eu estou te dizendo.

-- Voce quer dizer que você e a mamãe vão se separar?

-- É

-- Eu já sabia.

-- Mas eu não quero que você fique triste. Porque eu venho visitar vocês sempre que eu puder.

-- Qual é a frequência de "sempre que puder" ?

-- Uma vez por semana. Tá bom assim?

-- Tá bom.

-- E nada de pôr fogo na sala enquanto eu estiver fora, entendeu?

-- Não vou mais fazer isso.

E Ludovico não fez mesmo. Mas em compensação não deu folga para sua mãe enquanto seu Ataíde não estava em casa. Tudo o que ele fazia era jogar xadrez no computador e não queria fazer mais nada que não fosse isso. Faltava o colégio, faltava o curso de inglês e sua mãe temia que o garoto estivesse mudado assim por causa do afastamento do pai. Nas poucas conversas com a mãe, o menino dizia que o diabo tinha dado a ordem para que seu filho não fosse mais a escola. E uma ordem dessas ele não se atrevia a contrariar, nem mesmo o atendimento psicológico mudaria a sua decisão.

-- Tudo o que a gente conversar aqui, Ludovico, não vai servir de nada se você não for ao colégio. – disse Dona Éster.

-- Eu sei.

-- Veja se não faz isso.

Mas Ludovico passou a faltar o colégio mais e mais.

Trancava-se no quarto e só saía para comer. Dona Cletilde já não sabia o que fazer e decidiu chamar o ex-marido para conversar com ele.

-- É, rapagão, o que tá acontecendo com voce? -

perguntou o pai tentando se mostrar engraçado.

-- Nada.

-- Como nada? Sua mãe disse que voce não quer sair para ir ao colégio.

-- Não quero mesmo.

-- Mas por que isso assim, de repente?

Ele não respondia. Só o que Ludovico queria fazer era ficar em casa, jogando xadrez no computador e lendo histórias-em-quadrinhos. Mas essa situação não podia durar muito tempo e o avô do garoto, Seu Osvaldo, que morava muito longe, logo apareceu para conversar e os dois acabaram jogando xadrez. Seu Osvaldo que era ex-professor de história era o único que convecia o menino a trocar mais de duas palavras.

-- Agora é sua vez, Vô.

-- Ah, eu sei. Só estava pensando aqui com meus botões: como é mesmo o nome da sua escola, rapaz?

-- Externato Nossa Senhora das Graças.

-- Ah. Um colégio com um nome bonito. O que é que vocês costumam fazer lá mesmo?

-- Quando a gente não está estudando a gente joga xadrez.

-- Eh, eh, eh. Voce gosta muito desse jogo, não é?

-- Seu bispo não está em posição confortável, vô. Eu não vou mais avisar.

-- Eu já vi. E também já conheço esse "não vou mais avisar." Mas eu vou lhe contar um segredo sobre o xadrez.

-- Qual é?

-- Ah, Não vai conseguir assim tão fácil, amigão. Antes nós dois vamos fazer um acordo.

-- Tá, eu já sei. Eu prometo não faltar mais as aulas. Conta qual é o segredo agora.

-- Você promete?

-- Prometo. Conta.

-- Bom, para início de conversa esse jogo que nós estamos jogando agora não tinha esse nome quando começou a ser jogado. Se chamava chaturanga que significa quatro reis. Jogava-se na Índia com quatro

jogadores e eles dispunham de oito peças cada um em vez das dezesseis peças de hoje. Não existia a rainha e os jogadores moviam um elefante, um cavalo, um carro de guerra e quatro peões. O objetivo já era defender o rei e capturar o rei adversário, mas ao contrário do nosso xadrez aqui, o chaturanga dependia da sorte: a ordem das jogadas era definida pelos dados. O jogo foi inventado por um dos sábios da corte do Hindostão. O nome dele era Sissa e para curar a depressão do rei ele criou esse jogo. O rei prometeu a Sissa a recompensa que ele quisesse. Sissa pediu pouco, aparentemente. Ele pediu um tabuleiro cheio de trigo, de modo que na primeira casa houvesse um grão, na segunda dois, na terceira, quatro, e assim por diante, dobrando a quantidade de grãos até a casa 64. Quando o rei mandou fazer os cálculos, descobriu, assustado, que o trigo no tabuleiro chegava a quase 20 quintilhões de grãos. Mais do que a produção mundial!

-- Gostei dessa história Vô. É a sua vez de jogar.

-- Muito bem. Agora vamos cumprir nossa parte no acordo.

Mas Ludovico não deixou de faltar às aulas. Pior, à medida que o tempo passava, ele saía menos do seu quarto e falava cada vez menos também. Não respondia aos apelos da sua mãe e nem aos acenos do seu pai. Só o que ele queria era ficar sozinho, quieto, calado num canto. Porque será que as pessoas não podiam entender isso? Ele não sabia, só o que ele sabia era que quanto mais o tempo passava mais a sua posição ficava pior. Seus pais, a psicóloga, o tio e o avô estavam desesperados e ele sentia essa aflição pelos corredores, pela sala, pela área e pela cozinha, por todos os cantos da casa por onde passava. Sobretudo sentia a sua própria aflição crescer. No início apenas ficar quieto era suficiente para apaziguar qualquer mal-estar mas com o tempo foi inchando dentro dele algo como uma grande ansiedade que não passava de jeito nenhum. Por vezes sentia a necessidade de mudar alguma coisa na sua vida, de

fazer algo bem diferente que mudasse sua vida significativamente. Mas logo a vontade passava e ele novamente se recolhia ao habitual silêncio. Não era porque seu pai tinha ido embora que ele estava assim. É lógico que isso contribuía, mas tinha a ver com desejos mais profundos, com ansiedades anteriores. Frequentemente as pessoas queriam saber o porquê dele estar daquele jeito. Quando perguntado, nas poucas vezes em que respondera, alegava uma completa falta de entusiasmo pela idéia de ir à escola e insistia que o diabo o havia proibido de frequentá-la. Na verdade Ludovico sentia-se só como nunca antes havia sentido. Não havia ninguém com quem ele pudesse dividir esse momento e assim foram se passando os dias sem que o filho do diabo se dispusesse a sair daquela situação.

Capítulo IV - Crises, conflitos e outros bichos

Ludovico prestava atenção ao que Dona Éster dizia. A psicóloga já não tinha muitos recursos para lidar com o garoto e apelou para o seu bom senso. Falou que o diabo não podia mandar nas pessoas, porque Deus que é muito bondoso, não deixava. E assim sendo não era por causa de uma ordem diabólica que ele não iria ao colégio. Também não seria a falta de vontade que levaria uma pessoa a deixar de fazer alguma coisa importante dessas. O sentido de obrigação deveria ser mais forte e nos inclinaria a fazer a coisa, mesmo sem querer. Disse que poderiam ter motivos mais profundos. Teria ele brigado com algum coleguinha? Não foi com a cara de alguma professora ou de algum coordenador? O fato do pai ter se afastado e logo depois começarem as faltas ao colégio era um sinal claro de que aquilo tinha tido grande influência. O que

movia Ludovico a faltar aulas martelava-lhe a cabeça. A psicóloga chamou Dona Cletilde num canto e conversou sobre o caso:

-- O fato do garoto gostar tanto de xadrez nos diz muito sobre o tipo de personalidade dele. Muitas vezes ocorre a construção de um comportamento obsessivo em torno do jogador de xadrez. O seu filho, Dona Cletilde costumava jogar com o pai, não costumava?

-- Sim. Às vezes. Por que?

-- Acho que o Ludovico estava constantemente "jogando xadrez" com o pai.

-- Como assim?

-- Ele estava sempre tentando superá-lo na sua imaginação. É um complexo comum dos jogadores de xadrez; tem relação com a figura insubstituível do rei. Quando o pai se afastou a partida ficou suspensa. O mundo imaginário do garoto se esfacelou.

-- E o que nós vamos fazer?

-- Esperar. Só o tempo vai curar as cicatrizes e vai levá-lo a apresentar uma recuperação.

A verdade é que Ludovico estava diferente. Dona Éster pressentia que algo havia mudado na atitude do menino. Ele estava ainda menos espontâneo do que era e parecia ter pensamentos que não queria contar. Ela alertou os pais dele sobre isso e todos ficaram atentos com o jovem xadrezista.

Tanto as qualidades quanto os defeitos do menino estavam exacerbados. Uma de suas manias era colecionar ditos da Bíblia. Essa excentricidade chegou aos últimos limites quando ele imprimiu uma passagem na sua impressora caseira e a colocou acima da cama na parede: "Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora, e já está aí, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que ouvirem viverão."

Nos últimos dias quando Dona Cletilde rezava o terço com a casa às escuras, só iluminada por uma luz de vela, ele ficava amuado, trancado no seu quarto. Não gostava das rezas. Gostava sim de ler a Bíblia, o que

ele fazia com frequência. Chegava a decorar frases inteiras e a dissertá-las em voz alta de frente para sua mãe que escutava, assustada. Só por esse costume do menino, Dona Cletilde não tinha mais insistido em levá-lo ao centro espírita ou para conversar com o padre. Achava que afinal de contas, quem tinha um costume tão bom, não podia estar desencaminhado.

Mas definitivamente Ludovico não estava bem. Só tomava banho de vez em quando e mal penteava o cabelo. Tinha uma vontade destruidora vindo dentro dele que o inclinava a fazer algo que ele não sabia o que era ainda, mas que iria descobrir.

As declarações de trechos da Bíblia tornaram-se mais frequentes e ele costumava fazê-las de frente para pessoas estranhas, nas poucas vezes em que ia ao colégio. Num desses dias, ele estava particularmente inspirado e proclamou em voz alta quase um capítulo inteiro do Evangelho de São Lucas para uma menina que passava perto dele durante o recreio. A garota falou com sua amiga Carol que por sua vez falou com a amiga Viviane que falou com a Bruna e logo boa parte da turma conhecia a história, apelidaram Ludovico de Bíblia e diziam que ele iria ser padre quando crescesse. O menino não gostou da estória e passou a ficar mais calado e isolado do que já era.

Certo dia tentaram arrancar uma palavra ou duas do menino. Alguns garotos da sua turma tentavam contato, debochando do seu silêncio. Depois de certo tempo passou a não se importar aparentemente nem com o apelido de Bíblia nem quando diziam que ele ia ser padre. Mas aquilo tudo pesava ainda mais na sua cabeça e se não se mostrava incomodado era para poder agüentar melhor o desgosto que sentia.

Como ninguém consegue ser calado o tempo inteiro, ele alternava momentos de bom humor em que conseguia falar com algumas pessoas e momentos de amuamento. Num desses poucos instantes em que tinha vontade falar com alguém, procurou e não achou seu avô com quem gostaria de dialogar. Mas

encontrou o tio, Seu Greco, e os dois começaram um papo filosófico.

Ludovico começou confirmando se Deus era onisciente, onipresente e onipotente, se Ele sabia de tudo, estava em todos os lugares e podia fazer qualquer coisa. Seu Greco confirmou, então ele seguiu dizendo que tinha uma coisa que Deus não podia ter: sentimentos.

Surpreso o tio perguntou o porquê daquela conclusão.

O menino afirmou que um ser com tanto poder não deveria se interessar pela felicidade dos outros e que ele podia provar isso, dando um exemplo: Nós mortais temos um nível de poder divino e esse poder nos mostra várias coisas. Coisas como a diferença entre o bem e o mal, mas Deus controla tanto o bem quanto o mal porque o diabo foi um anjo caído, um anjo rebelde, uma criação de Deus também, portanto o julgamento divino é imparcial, não tem paixões e essa estória de que tudo o que é bom vem de Deus e tudo o que é mal vem do diabo é uma mentira.

Seu Greco refutou o pensamento dando outro exemplo: Nós humanos que, como o menino mesmo tinha dito, temos um nível de poder divino inventamos a tecnologia e com ela podemos nos comunicar com pessoas distantes, podemos nos transportar para vários lugares diferentes, podemos fazer várias coisas que antes não eram sequer imaginadas e nem por isso deixamos de ter sentimentos.

Ludovico expressou sua opinião, colocando que aquilo era diferente porque nem toda tecnologia do mundo poderia fazer seus pais ficarem juntos de novo, mas Deus poderia fazê-lo. Daí Seu Greco entendeu que ele estava fragilizado pela separação de Dona Cletilde e Seu Ataíde e quis confortá-lo, mas as palavras não saíram do jeito que ele queria e tudo que ele conseguiu fazer foi repetir um lugar-comum. Disse que Deus amava a todos indiscriminadamente e que se os pais dele tinham se separado era melhor assim e Deus sabia o que estava fazendo.

Algumas semanas se passaram desde que os dois

tiveram esse papo e o menino parecia mais fechado novamente. Um dia, pela primeira vez na vida Ludovico se sentiu muito mais sozinho do que o habitual. Tinha vontade de sumir, de não estar onde estava, nem em qualquer outro lugar, de não existir, enfim. Mais do que isso, tinha uma ânsia muito grande por alguma coisa que ele não sabia o que era, mas que, ao mesmo tempo, estava ali presente, do lado dele. Olhou para o lado e viu a fotografia do pai encostada num canto da bancada. Quis jogar fora, quebrar o porta-retratos, rasgar a fotografia. Mas quando pegou a foto nas mãos não teve forças para jogá-la fora. Sentia-se desfalecido, sem vontades. A única vontade que ele tinha - e agora ele sabia que era isso que ele deveria fazer - era de se matar.

Capítulo V - Sonhos bons e sonhos ruins

-- Não é comum casos de tentativa de suicídio nessa idade.

-- Não. Mas Ludovico é um caso diferente.

-- Como assim?

-- O menino tem apresentado um quadro de depressão aguda. - disse solenemente Dona Éster à enfermeira que cuidava do paciente.

Ludovico escutava aquilo e ao mesmo tempo não escutava. As vozes iam e vinham na sua cabeça como zunidos. Horas antes ele tinha cortado os pulsos e agora se esforçava para manter a consciência, apesar dos insistentes apelos da psicóloga e da enfermeira para que ele dormisse e descansasse.

-- O seu estado inspira cuidados. Está com um princípio de febre. - afirmou a enfermeira preocupada.

-- Isso não é nada. Dê-lhe um antitérmico e logo estará

bem – disse o médico distraído.

Nos dois dias seguintes Ludovico enfrentou febre, constantes dores de cabeça e um estado de semi-consciência que lhe deixava grogue. As pessoas chegavam perto dele e eram percebidas como visões, miragens mesmo. Numa dessas visões, ele julgou que estava vendo seu avô. Ele lhe contava uma história muito interessante sobre os segredos do xadrez e o menino se esforçava para prestar atenção naquele vulto que ele via do lado.

-- Xeque-mate é uma composição que vem das palavras Xeque, Xeique ou Xá, que quer dizer soberano e que aparece junto com mate que quer dizer morte. Ou seja, xeque-mate é morte ao soberano, morte ao rei.

Depois ele pensou que aquilo não passava de um sonho e que não tinha ninguém ali perto dele, mas mesmo assim continuou prestando atenção.

-- Existiram célebres jogadores de xadrez: Rousseau, Robespierre, Napoleão Bonaparte, Benjamin Franklin, Lênin, Karl Marx, Che Guevara. E grandes campeões: Mikhail Botwinnik, Bobby Fischer, Boris Spassky, Anatoly Karpov, Gary Kasparov, José Raul Capablanca, Henrique Costa Mecking. Todos eles jogaram a grande arte do xadrez demonstrando grande capacidade de memória, abstração e visualização geométrica.

-- Mas o que eu quero te contar mesmo é a estória de dois países que dividiram o mundo em duas partes muito diferentes e muito iguais ao mesmo tempo. Havia uma nação protegida por um exército preto e que tinha um rei preto. Essa nação era uma ditadura onde as pessoas não tinham liberdade para discutir os problemas nem falar nada que fosse contra o regime que vigorava. Lá não havia comércio que não fosse controlado pelo rei e todos deveriam acatar as suas ordens ou serem fuzilados. O segundo país, por sua vez, tinha um exército branco e um rei da mesma cor. Lá vivia-se um regime onde todos podiam gerir seus próprios negócios, porém esse sistema gerava uma

população mesquinha que acumulava imensas riquezas dentro do reino e uma imensa pobreza nos reinos vizinhos. Esses dois países viviam em constantes guerras por territórios. Em tempos de paz - que eram raros - os reis mostravam seus tesouros e riquezas e as coisas nobres e raras que possuíam. Em tempos de guerra, os reis prendiam, matavam e expulsavam das terras quem quer que fosse contra eles. A nação do exército preto decidiu acabar com a ditadura e o país do exército branco pode espalhar o seu sistema por todo o mundo, junto com a acumulação de riquezas para poucos e a pobreza para a maioria. Uma terrível epidemia tomou conta do exército branco e do exército negro e das demais nações e essa doença incurável fez milhões de vítimas, retardando o desenvolvimento do mundo. Provocou também um renascimento religioso que ficou conhecido pelo fanatismo. Muitas pessoas consideravam a doença um castigo divino. Eram pregadores que abriam templos em todos os lugares e se aproveitavam da carência emocional das populações pobres para extrair-lhes grandes quantidades de dinheiro.

-- O que eu quero dizer com essa estória é que tudo sempre tem um lado positivo. Apesar da nação do rei branco espalhar a mesquinharia e a pobreza por todo mundo, a guerra tinha acabado e agora haviam outros desafios a serem vencidos como essa doença incurável. E o que nós temos aqui é um rapazinho que está doente, mas essa doença pode servir para uma coisa boa. Sua mãe me disse que você tem lido bastante a Bíblia e tem inclusive falado em voz alta vários trechos. Isso é muito bom, desde que você não fique fanático pelo que está escrito lá como as pessoas da estória que te contei. Outra coisa, vamos esquecer essa depressão, que isso não leva ninguém a lugar nenhum...

E Seu Osvaldo continuou explicando ao menino que a vida tinha coisas muito boas para gente fazer. Jogar xadrez, ir na praia, na piscina, no cinema e até namorar

quando ele ficasse mais velho. Ludovico escutava atentamente, mas não tinha forças para falar nada. Seu Osvaldo disse também que a partir daquele acontecimento, poderia tirar uma grande lição e sempre que se sentir sozinho lembrar que existem pessoas que gostam muito dele, seus pais, seu tio Greco, ele próprio e todas as coleguinhas do colégio.

Depois desses minutos em que Ludovico ouvia seu avô, Dona Cletilde entrou no quarto e veio para junto do menino e ele soube aí que não era sonho, realmente estavam ali seu avô e sua mãe. Ela falou quase a mesma coisa que Seu Osvaldo, brincou com ele e terminou dizendo que ele tinha dado um susto muito grande neles e que isso não era coisa que se fizesse. Logo depois apareceu Seu Ataíde dizendo que tinha chegado tarde e se desculpava insistentemente com aquele jeitão de pai cuidadoso. Atrás dele voltaram a enfermeira e a psicóloga.

De repente Ludovico sentiu vontade de falar e contar um sonho que tivera quando esteve desacordado mas as palavras saíam entrecortadas e tudo que ele pôde foi babulciar algumas palavras.

Não foi possível entender o que ele falava e a enfermeira alertou que tinha muita gente em volta do menino e que isso não era nada bom. Com essa informação Seu Osvaldo se despediu de todos e de Ludovico e foi embora. Dona Éster tranquilizou a todos dizendo que logo ele se recuperaria e também se foi. Horas depois Ludovico já estava melhor e a febre tinha passado. Aí ele explicou que tinha tido um sonho. Duas figuras de um sonho de tempos atrás tinham vindo visitá-lo. Pela primeira vez ele sabia o nome deles. Um era alegre, brincalhão e falava coisas bonitas e não se envergonhava de chorar na frente dele. Seu choro era de alegria e seu nome era Pirilampo. O outro parecia um urubu e ficava com a cara emburrada de bode. Ficava parado num canto e era muito diferente de Pirilampo que andava de um lado para o outro sem parar. Ele era bem mau-humorado e

até seu nome era complicado. Era em inglês. Noise: ruído, barulho. E naquele momento Noise estava grande e ameaçador. Parecia querer abarcar tudo à sua volta.

Depois Seu Ataíde lhe disse que estava tudo bem e que ele poderia ter o sonho que ele quizesse, que não se preocupasse pois ele e sua mãe iriam estar sempre perto dele, apoiando-o e aconselhando-o quando fosse preciso.

Capítulo VI - As cobaias de Deus

“As pessoas não são como parecem. As coisas não são como parecem. Jogar xadrez é bom. Mas não o suficiente. Conversar é bom. Mas não o suficiente. Assistir TV é bom. Mas não o suficiente. Nada é bom o suficiente.

Viver é "foda". Acho que isso resume tudo. E ao mesmo tempo não diz nada, porque eu tenho muita coisa pra dizer. Acho que meus pais esperam uma explicação de mim. Isso eu não tenho. Não sei porque vou fazer o que estou prestes a fazer. Só sei que eu tenho que fazer e além do mais o diabo já me deu algumas dicas. Não sinto nenhum remorso por estar fazendo isso. Dizem que é contra a vontade de Deus tirar a própria a vida. Pode até ser, mas que é uma coisa que eu tenho fazer, ah, isso é.

Felicidade é uma coisa engraçada. Quando você acha que tem, é porque está mais distante dela do que imagina. Quando você acha que não tem, ela está mais próxima do que parece.

Como dizia o Cazusa, nós somos “as cobaias de Deus”, e assim eu quero fazer minhas as palavras dele: “Se você quiser saber como eu me sinto, vá há um laboratório ou um labirinto. ... Vá ver as cobaias de Deus”. Acho que somos todos cobaias de Deus e acho que se Deus existe mesmo Ele não dá a mínima para nós, somos todos brinquedos nas mãos Dele. É uma visão pessimista, mas eu não sou otimista mesmo.

Acho que meu avô vai ficar muito desapontado comigo. Não se sinta assim vô. Eu não escrevo muito bem, mas o que eu posso dizer é que tentei ser do jeito que eu sou. Mas não dá certo. Não é que eu ache que as pessoas não me aceitem como eu sou. Não estou ligando para as pessoas. O que não dá certo é eu comigo mesmo. Dona Éster diria que “eu não me aceito do jeito que eu sou.”

Aqui é o xeque-mate, perdi um cavalo, minha rainha, meus bispos e torres. Meu rei foi encurralado. Só me restou um cavalo e um punhado de peões. Não posso fazer mais muita coisa. Não tem mais saída. Tem um provérbio que diz que o “xadrez é um mar onde um mosquito pode banhar-se e um elefante afogar-se.” É exatamente isso. E eu me afoguei nesse mar há muito tempo. Desde o tempo que comecei a jogar no colégio.

Eu gostaria de dizer coisas bonitas e inspiradoras para as pessoas se lembrarem bem de mim, mas não me vem mais nada à cabeça.

Quando alguém estiver lendo essa carta eu provavelmente já estarei morto. Não quero que sofram com essa despedida. Não tem porque sofrer. Nada de lágrimas, tá bom? Eu digo isso, mas sei que todos vão chorar. Por favor não deixem que isso estrague suas vidas.”

Após ler a carta, Dona Éster se colocou junto ao menino e lhe deu um beijo na testa.

-- Ludovico você é o garoto mais sensível que eu conheço.

-- Sensível como assim? A senhora tá me chamando de "boiola"?

-- Não. Claro que não. Estou dizendo que você colocou sentimentos muito verdadeiros nessa carta. Já faziam três meses que Ludovico tinha tentado se suicidar. Ele tinha escrito a carta antes de tentar se matar e deixado ela junto à bancada do seu quarto. Seus pais acharam-no ensangüentado com uma faca de cozinha na mão, desacordado, junto com a carta.

-- Ao que me parece você se expôs muito com ela. Vamos potencializar esse desejo de se expor. Diga-me o que você está sentindo agora.

-- Não sei.

-- Coloca pra fora tudo o que você sente.

-- Sinto Injustiça. As pessoas são muito injustas. Eu também sou injusto. Não quero falar sobre isso.

-- Sobre o que você quer falar?

-- Sobre essa carta. Tudo o que está escrito nela eu assino embaixo. Inclusive eu me sinto exatamente como eu descrevi, como num xeque-mate.

-- O xeque-mate me dá impressão de aprisionamento, de detenção. Quem está te prendendo Ludovico?

-- Ninguém.

-- Mas você me parece tenso. Você tem que liberar essa raiva.

-- Minha raiva está bem no lugar onde está.

-- Mas guardar raiva, guardar rancor não faz bem para o coração. Você viu o que aconteceu. Olha só: você usa uma expressão muito forte. Uma expressão do Cazuzu. Você fala que nós somos cobaias de Deus. O que te leva a dizer isso? Você está se sentindo tolhido por Deus? Injustiçado?

-- Deus não cumpre promessas.

-- O que?

-- Deus não cumpre suas promessas. Eu fiz um acordo com ele e até o diabo tava presente vendo tudo. Prometi ser um bom menino e Ele traria de volta meu pai. Mas ele não cumpriu o acordo.

A psicóloga se surpreendeu por um momento, mas logo retomou o rumo da conversa.

-- Você sabe que às vezes as coisas não saem como a gente quer, que existe uma diferença enorme entre o que a gente gostaria que fosse e o que realmente é.

-- Eu sei disso.

-- Tem certas coisas que a gente tem que aceitar mesmo sem gostar muito. O seu pai agora está vivendo longe de vocês e isso é difícil de aceitar, mas é a realidade. Deus não interfere na vontade das

peessoas, ele só mostra caminhos. O caminho do que é bom e certo.

-- Deus não se importa com a gente.

-- Tudo bem. Você tem suas próprias convicções. Não sou eu quem vai tentar mudar você.

Dona Èster continuou dizendo que ele apresentava sinais de franca recuperação, estava indo ao colégio todos os dias, o que era muito bom. Também ficou sabendo que ele iria participar de um torneio da Confederação Brasileira de Xadrez: o Torneio da Cidade do Rio de Janeiro, o que era extraordinário, embora a tensão da competição não fosse exatamente benéfica, no geral, a experiência parecia adequada.

Ludovico também precisava encontrar-se frequentemente com o psiquiatra. As conversas com Dr. Lindolfo eram sempre rápidas e sem muitos comentários, o homem não parecia muito interessado nos pacientes ou talvez estivesse sempre com pressa para atender outros. Nem mesmo o caso incomum de tentativa de suicídio do menino havia mudado isso.

-- Bom, você vai continuar tomando o Haldol e o Amplictil, assim como as pílulas do Fenegan.

-- Até quando eu vou ficar tomando esses remédios? - perguntou Ludovico impaciente.

-- Até quando eu disser pra você tomar.

-- Mas já faz muito tempo...

-- Esses remédios atuam na sua mente, contendo você e mexem com a sua concentração. Você não pode parar de tomá-los assim de uma hora para outra. Além do mais há três meses atrás aconteceu aquilo e nós não queremos que aconteça de novo, não é?

-- O senhor não me respondeu: quando é que eu vou poder parar de tomar os remédios?

-- Só quando o tratamento acabar e você estiver melhor.

-- E quando vai ser isso?

-- Quando tiver que ser.

-- Como assim?

-- Não tente entender o que você não pode.

E Ludovico não tentava mesmo. Só o que ele tentava era conversar com o médico. Falar que não precisava de tantas medicações e mostrar que já estava bom. Os remédios o incomodavam e ele tentava se livrar deles de alguma maneira. Como não conseguia, só buscava uma conversa mais aproximada com o médico.

-- Vou ser sincero com o senhor. Não gosto de tomar esses remédios.

-- Ninguém gosta de tomar remédio, Ludovico. Mas toma assim mesmo. Aliás uma das qualidades que nos diferenciam dos animais irracionais é que nós tomamos remédio quando estamos doentes.

-- Não acho que nós sejamos tão racionais assim.

-- Por que?

-- Meu avô diz que a guerra é uma doença e que a paz é o remédio. Se for assim muitas vezes o homem não quer tomar remédio.

-- Seu avô tem razão. Temos todos que tomar essa medicação: a paz.

Capítulo VII - O Bíblia

-- "No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: 'Faça-se a luz' E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia, e às trevas, noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia. -- Ludovico acabou de recitar o trecho do

Gênesis e recebeu os parabéns da professora. Os alunos eram convidados a escrever sobre o começo de alguma coisa numa redação. O começo do dia, o começo da primavera, o começo das férias e assim por diante. Ludovico escolhera o começo do mundo como tema para sua redação. E falou do Big Bang que era

teoria do início do universo. Falou da origem da vida no planeta Terra, na água com os microorganismos. E falou dos começos dos jogos de xadrez, as aberturas. Colocou que existiam diversos tipos de abertura: o Gambito de Dama, o Ruy Lopez, o Petroff, o Grünfeld, a Ortodoxa, a Inglesa. E disse as regras básicas de uma boa abertura que ele sabia de cor: Desenvolver uma peça que ameace alguma coisa, mover os cavalos antes dos bispos, não movimentar mais de dois peões, fazer o roque o mais cedo possível, manter ao menos um peão no centro e não sacrificar material sem um objetivo claro e imediato. Tudo isso ele escreveu na redação e depois falou em voz alta para todos ouvirem. Um dos meninos que ouvia Ludovico, um garoto chamado Carlos disse rispidamente:

-- Xadrez não tem nada a ver com o começo do mundo.

-- Se não tem deveria ter. - rebateu Ludovico.

Começou uma discussão enorme entre os dois e acabou aos empurrões e safanões. A professora logo interrompeu os moleques e os repreendeu. Defendeu a redação do menino dizendo que estava muito boa e o elogiou. Todos no colégio procuravam estar muito amáveis com Ludovico nos últimos tempos. Ficaram sabendo da sua tentativa de suicídio, o que levou a uma comoção geral. Imaginava-se aplicar um tratamento especial com o menino para que ele se sentisse estimulado e feliz. Na medida do possível era o que se tentava fazer e logo antes de Ludovico voltar às aulas houve uma reunião com a turma junto com a coordenadora para que se recebesse Ludovico de maneira calorosa. A mesma recepção que ele recebera em casa quando voltou do hospital, estava tendo agora no colégio. Mas alguns alunos, como Carlos, não viam toda essa hospitalidade com bons olhos e tratavam de destilar seu veneno contra Ludovico logo de imediato. O apelido de "Bíblia", por recitar trechos da Sagrada Escritura, continuava na cabeça dos alunos e Carlos, particularmente, não

deixava que fosse esquecido. Assim, durante a hora do recreio, provocou Ludovico de novo.

-- Ô, Bíblia, pena você não ter se matado de verdade.

O que aconteceu? Não teve coragem?

Ludovico não respondia. Não queria começar uma nova briga com Carlos. Não tinha vontade de começar confusões. Tudo o que ele queria naquele momento era ficar quieto no seu canto e comer o seu lanche. Mas Carlos estava decidido a infernizar a vida do menino.

-- Ô que é, Bíblia ? O gato comeu a sua língua?

-- Não quero conversa com você, cara.

-- “ Não quero conversa com você, cara” . Que história é essa? Eu tô falando com você. Me responda!

-- Não vou responder a um cretino como você.

E a discussão acabou em briga. Os dois se atracaram e rolaram pelo chão. Os outros alunos apoiaram

Ludovico e logo estavam encima de Carlos. A coordenadora e os auxiliares chegaram e acabaram com a confusão. Todos foram trazidos à sala dos professores para a sabatina habitual.

-- Porque você atacou o Ludovico, Carlos? -- perguntou a coordenadora com um ar reprovador.

-- Ele me chamou de cretino. -- rebateu Carlos.

-- Chamei e chamo de novo. -- disse Ludovico com raiva.

-- Tudo bem. Vamos parar com isso. Ninguém é cretino aqui, tá bom?

-- Foi ele quem começou, Dona Martha. Eu estava quieto no meu canto. -- disparou Ludovico novamente.

-- Isso é verdade Carlos?

-- Só tava fazendo umas perguntas pra ele, só isso. A boneca ficou enfezada porque...

-- Tá. Pode parar. Que perguntas você fez?

-- Porque ele não teve coragem de se matar.

-- Isso é lá pergunta que se faça, Carlos?

E foi uma bronca geral. Dona Martha só se deu por satisfeita quando conseguiu, não se sabe como, arrancar uma desculpa de Carlos. Depois conversou

com cada um em particular. A Ludovico disse que estava pronta para saber se ele se sentia ofendido com o que o colega tinha dito e que se colocava à disposição para que ele relatasse se um nova briga acontecesse. A Carlos disse que era muito feio o que ele tinha feito, que seu colega de turma estava passando por um momento delicado da vida e que era fundamental que todos o ajudássemos a superar essa fase. Ao que parece a conversa surtiu efeito. Nos meses que se seguiram nunca mais Dona Martha recebeu os dois.

Por incrível que pareça esse fora o começo de uma amizade. Durante os meses seguintes ao ocorrido Carlos e Ludovico passaram a conversar na hora do recreio. Carlos agora tentava se fazer amigo, falando sobre xadrez e histórias-em-quadrinhos. De vez em quando havia uma discussão mas nada que fosse descabido. E durante aquele ano Carlos foi o único amigo de verdade de Ludovico, além do avô. Depois Carlos saiu da escola e foi estudar em outra e os dois perderam contato. Então os meses foram passando devagarinho, amorrinhados e demorava um tempo do tamanho do mundo para chegar as festas de Natal e do Ano Novo. Nesses meses o único amigo de Ludovico voltou a ser Seu Osvaldo e quando ele vinha, invariavelmente, eles acabavam jogando xadrez.

-- Vê, Jesus tinha amigos?

-- Todos os apóstolos eram muito camaradas.

-- Mas os apóstolos não valem. Eles eram “companheiros de trabalho” dele. Eu falo de amigos sem compromisso de trabalho. Amigos do peito.

-- Olha, Ludovico eu não conheço tanto assim a vida de Jesus, mas acho que ele teve grandes amigos sim.

-- Eu acho que Jesus era muito sozinho.

-- Por que você diz isso?

-- Se ele tivesse uma “galera” ia ser difícil crucificá-lo.

-- Eh, eh, eh. Isso se ele se escondesse atrás dessa “galera”, como você chama. Você me concede mais uma partida? A minha revanche?

-- Tudo bem. Vô, eu tenho uma opinião, mas acho que pouca gente concorda comigo. Acha que eu devo espalhar essa opinião assim mesmo?

-- Tem um ditado que diz: " Quando todos estiverem contra você, é melhor você estar contra todos. Porque senão, logo você vai estar contra si mesmo."

-- É uma opinião. Eu acho que se Jesus tivesse comandando uma revolução, tivesse sido um líder político além de líder espiritual, assim como o Gandhi por exemplo, ele não teria sido crucificado e as pessoas falariam dele sem essa cerimônia toda, mas pelo menos ele teria feito o que ele quis, teria comandado o povo dele numa revolta.

-- Você acha que era isso ele queria?

-- Acho. Acho que ele queria comandar os judeus na Terra Prometida e ser um grande chefe.

-- Mas você sabe que líderes políticos também são muito perseguidos. Che Guevara por exemplo foi um líder revolucionário que foi interrogado e torturado antes de ser morto. E o próprio Gandhi foi violentamente assassinado.

-- É. Não tinha saída mesmo. Ele tinha que morrer.

-- Não sei se ele tinha que morrer, Ludovico. Mas eu acredito que muita gente na época tinha a mesma opinião que você. E o que ele tinha que fazer de verdade era passar uma mensagem para todos nós. Foi isso que ele fez. Esse exemplo é um dos melhores: todos temos que fazer o que tem que ser feito independente do que as pessoas pensam ou esperam de nós.

Capítulo VIII - Estórias e estórias

Um ano tinha se passado desde que Ludovico tinha tentado o suicídio e ele tinha vencido o torneio de

xadrez da cidade do Rio de Janeiro. Outro torneio se avizinhava, o Torneio Brasileiro de Xadrez e ele passava os dias jogando no computador. Quando decidiu estudar uma jogada para esse match da Confederação, acordou doente. Já era tarde, havia chovido o dia inteiro e o temporal não parecia esmorecer. O menino estava no seu quarto na cama com febre. No dia anterior tinha lido um livro sobre um problema. Problemas em xadrez são situações donde se parte de uma determinada colocação das peças que não é a do início do jogo. Tinha decidido estudar um em especial, mas a febre não deixava que ele se entretesse com o assunto.

Tinha farrapos de lembranças de um sonho que tivera no dia anterior. Ele estava numa floresta com várias plantas e árvores belas e das mais diversas espécies. Passeava pela floresta em busca de alguma coisa que ele tinha perdido, ia andando e olhava para o chão tentando encontrar. Via as reentrâncias do chão e as pedras, mas não achava o que queria. O fato de não saber o que era só dificultava a busca.

Pirilampo, uma figura de outro sonho mais antigo, estava lá ajudando a procurar e num momento achou o que estava procurando. Era um espelho mágico e refletido nele estavam coisas fantásticas e maravilhosas. Pirilampo usava o espelho e o mundo ficava muito mais bonito refletido nele.

De repente de trás de uma árvore surge Noise, todo rabugento como sempre. Arrebatou o espelho das mãos de Pirilampo e o quebrou em vários pedaços. A magia estava desfeita e nada mais de fabuloso sairia de lá.

A partir desse dia em diante, Ludovico não teve mais paz. Vinha-lhe uma aflição que subia pelo pé e ia até a cabeça onde não podia sequer falar. Ficava quieto num canto esperando que passasse aquela sensação ou que sentisse algo diferente. Não tinha intenção de conversar com sua mãe nem com seu pai sobre aquilo. Na verdade não queria falar daquilo para ninguém nem

mesmo para Dona Ester, mas acabava contando.

-- Quero saber como você se sente Ludovico. Você não parecia bem quando nós falamos pelo telefone. O que é? -- perguntou a psicóloga

-- Me sinto diferente. O diabo não fala mais comigo. E nem eu tenho vontade de falar com ele. E nem com ninguém também.

-- Você não sente vontade de conversar?

-- Não.

-- Nem comigo?

-- Com a senhora é diferente. A gente tem que falar de qualquer jeito.

-- Mas se você não estiver à vontade para falar eu não vou te forçar.

-- É. Eu sei. Mas a gente não pode ficar aqui olhando para cara um do outro como aconteceu da primeira vez.

-- O que está te incomodando? Você consegue saber?

-- Às vezes eu acho que não sou igual a ninguém, que ninguém sente as coisas como eu sinto, da maneira que eu sinto. Eu luto para ser igual a todo mundo mas não consigo. Queria ser como meu avô. Ele é diferente e igual ao mesmo tempo. Há muito tempo, eu perguntei para minha mãe porque ele tinha sido preso na ditadura. Minha mãe disse pra não perguntar mais aquilo e nem ficar perguntando para o meu avô. Então eu esqueci do assunto.

-- Sua mãe deve ter falado isso porque você era muito novo para entender certas coisas. Mas agora você já esta um rapaz. Por que você não pergunta para o seu avô o que aconteceu naquela época.

A amizade com o avô era a única coisa que fazia Ludovico se sentir melhor. E quando eles conversavam Ludovico sempre achava que o tempo passava mais depressa e tamanho do dia e da noite se encurtava, porque "tudo que é bom dura pouco", pensava ele.

-- Vô, nunca fiz essa pergunta porque minha mãe pediu para não fazer. Mas agora acho que vou fazer.

-- Diga lá.

-- Porque você foi preso na ditadura?

A resposta veio de um jeito que ele não esperava. Seu Osvaldo começou dizendo que uma vez um nobre convidou um vassalo para jogar uma partida de xadrez. Quando ele chegou teve os braços amarrados numa cadeira, os ouvidos tapados, os olhos vendados e a boca amordaçada. Seu adversário estava livre e tinha a oportunidade de mover tanto as peças dele quanto as do vassalo. Foi mais ou menos isso que a elite dirigente fez com o povo o brasileiro durante a ditadura. Como Seu Osvaldo não concordou com semelhante jogo, tentou protestar contra essa situação e acabou sendo preso pelo regime.

Depois ele disse que essa supressão das liberdades individuais encobria injustiças sociais gigantescas que assolavam e ainda assolam o povo. E mostrou alguns números: hoje a população da Terra é de 6 bilhões de habitantes, dos quais 4 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza e que 80% dos recursos do mundo servem a apenas 20% da população mundial. Além disso, foi constatado que existe capacidade para produzir alimento para 11 bilhões de habitantes, quase o dobro da população. A questão, dessa forma, não é o excesso de bocas e sim a falta de justiça social. Era contra essas iniquidades que Seu Osvaldo se levantava e é contra isso que ele luta até hoje.

Ludovico ouviu com muita atenção e quando seu avô acabou ele ficou imaginando que não era tão difícil assim que as injustiças acabassem. Bastava que houvessem mais pessoas como Seu Osvaldo por aí espalhadas.

Capítulo IX - A mística do desconhecido

A aflição de Ludovico alternava-se entre dias em que quase desaparecia e momentos em que aumentava e o tornava reservado como sempre. A partir de um

desses momentos, ele passou a faltar o colégio e as aulas no curso de inglês de novo. Dona Cletilde tinha vontade de arrastá-lo pelas orelhas até o colégio, mas logo desistia da idéia quando via o tamanho do garoto. As faltas só pararam muito tempo depois quando Seu Osvaldo adoeceu. Ele tinha câncer e era terminal. Quando Ludovico soube, voltou a frequentar o colégio, pois não queria que nada alterasse o estado de saúde do avô.

Seu Osvaldo procurava não demonstrar abatimento na frente do menino, mas a verdade é que seu espírito estava quebrado, e mesmo querendo ser positivo, transparecia preocupação.

-- Na vida, o homem enfrenta inúmeros problemas, cada pessoa necessita saber como resolver cada um desses problemas inteligentemente. O bom xadrezista sabe que toda solução está no próprio problema, sempre que ocorre tranqüilidade e equilíbrio perfeitos entre a mente e a emoção, haverá solução. -- dizia o avô do menino.

--- Essa doença que me acometeu é como o seu problema, Ludovico. É fruto de algum desvio da psiquê que alterou meu estado físico. Porque, você sabe, todas as coisas estão relacionadas. As coisas do corpo, as coisas da mente e as coisas da alma, tudo isso está ligado. Logo eu vou ter que me internar num hospital e a gente não vai mais poder conversar tanto quanto agora, mas quando esse momento chegar eu quero que você saiba que eu vou estar sempre pensando em você.

Logo depois desse encontro, Seu Osvaldo foi internado na Clínica Nossa Senhora das Mercês e Ludovico não viu mais o avô. Só conseguiu esquecer um pouco a situação quando, certo dia, encontrou na biblioteca um livro sobre xadrez que há muito tempo queria ler mas só agora tivera a oportunidade. A publicação era recheada de ilustrações e isso o levou a continuar a leitura que não era fácil, já que a linguagem era um tanto quanto hermética.

Dizia o texto: “Quando enfocamos o jogo nos aspectos militares, os peões, sobretudo nas cortes medievais, simbolizam os soldados do Rei, que são a base dos planos deste último. Os oito peões são as oito Virtudes que são: Compreensão, Vontade, Verbo, Reto pensar, Reto sentir, Reta maneira de ganhar a vida, que haja Paz e que haja Amor. Também representa o Arcano oito do Tarô (ou seja, o Padrão das Medidas), a Justiça, cada um de nós lutando contra os contratemplos. As torres simbolizam o estado de Alerta Percepção e de Alerta Novidade, nos Grandes Mistérios davam ao noviço o Cinzel e o Martelo para que fosse polindo as duas colunas do Templo, a Branca e a Negra, ou melhor, a Dórica e a Jônica. Os Cimentos da torre na época medieval eram de pedra e quase todas as torres estavam feitas deste material, símbolo resplandecente da energia sexual.”

Daí ele parou e foi para outra parte. Era arriscado ver qualquer coisa de apelo sexual na biblioteca. Havia muitas figuras nesse sentido e se vissem, ele não ia mais poder ler o livro. Continuou noutro capítulo.

“Os cavalos representam a Ousadia e o valor para eliminar o Medo, seus movimentos descrevem o esquadro e o compasso, tão importantes nos estudos maçônicos. Seus movimentos são em forma de L, que no sistema de numeração romana tem o valor de 50, que decompõe-se nos está indicando a Lei em Rigor. Já os bispos nas cortes medievais eram os que estavam mais próximos ao Rei; alegorizavam as Lanças, a Urânia-Vênus dos Gregos.

Não poderia faltar no Tabuleiro da existência o elemento feminino, o princípio universal da vida, o qual resplandece em toda a Obra, o próprio Deus; o Rei desdobrado em Mulher, o Eterno Amor que flui e reflui em todo o criado.

O Rei representa a Sabedoria, nosso Real Ser, o Interno, a Estrela Interior que sempre nos sorri.”

Tudo isso ele leu naquele livro e de repente lhe deu uma vontade danada de falar aquilo para alguém, de

divulgar todo aquele conhecimento. Acabou falando tudo para o psiquiatra.

--- Você está bem místico, hein? -- disse o médico.

--- Acho que o xadrez transcende o mero jogo. Ele é uma filosofia de vida. – emendou Ludovico convicto.

--- Muito bem. Você está trilhando um bom caminho. Já é o campeão da cidade do Rio e agora disputa o Brasileiro.

--- É. Esse campeonato é o mais difícil que eu já disputei. Mas uma coisa me preocupa. Esses remédios que eu estou tomando. Isso pode afetar meu raciocínio, minha performance?

--- Os remédios que você toma apenas impedem que muita informação chegue no seu cérebro. O que acontece? Você Ludovico tem um canal receptor de informações muito forte e nós estamos tentando fazer com que você julgue essas informações de forma a saber o que te serve e o que não te serve. É só isso.

--- E quando eu vou poder parar de tomar os remédios?

--- Nós já conversamos sobre esse assunto. Vai parar quando tiver que parar.

E Ludovico continuou lendo sobre xadrez nas horas vagas na biblioteca. Lia tudo o que podia e o que não podia deixava para o dia seguinte. Procedendo assim, logo a biblioteca da escola se tornou pequena para Ludovico e ele quis acessar a internet em busca de sites sobre os significados do xadrez. Essa pesquisa se tornou muito vasta e ele decidiu ir até a Biblioteca Nacional, no centro da cidade, para ver o que podia encontrar por lá. Na verdade o que Ludovico queria de todas as formas era não pensar na doença do seu avô e tentava preencher seu tempo com essa pesquisa. Mas por fim, foi impossível ficar sem saber do estado de saúde de Seu Osvaldo.

A doença o estava vencendo e o fazia se tornar velho como ele nunca fora aos olhos do menino. Ia visitá-lo no hospital e esquecia que ele próprio tinha problemas. Era como se um dos dois tivesse que estar inteiro para encarar a realidade. Numa dessas visitas, seu avô

pediu para que ele ficasse um instante na sala de espera que ele queria falar a sós com Dona Cletilde. O menino não ouviu as palavras duras de Seu Osvaldo.

-- Agora eu sei como é que se sente um boi pronto para o abate. -- dizia Seu Osvaldo deitado na cama do hospital.

-- Não fale assim, pai. -- disse Dona Cletilde na cabeceira da cama. -- O senhor tem que ter fé em Deus que tudo vai acabar bem.

-- Você sabe que eu não acredito em Deus.

-- Ai, tá bom. Mas você tem que ter fé no tratamento. O senhor vai ficar bom.

-- Não acredite nisso, filha. Sabe, a águia pode viver 70 anos se aos 40 ela for capaz de mudar de bico, de unhas e de penas. -- disse secamente Seu Osvaldo. ---

Mas para isso precisa se recolher no alto de uma montanha e arrancar as penas, quebrar as unhas e o bico. Ela fica recolhida esperando esse "renascimento"

. Mas não é toda águia que faz isso. Só a águia de penhasco, a águia selvagem. Acho que não sou uma águia selvagem. Não vou conseguir sair dessa, eu sei, não adianta você tentar me animar. Mas eu não quero que chore por mim. Eu vivi minha vida, fui feliz algumas vezes, noutras infeliz, agora está na hora de partir.

Dona Cletilde começou a chorar e disse para Seu Osvaldo parar com aquele desânimo todo. Não ficava bem um homem tão vivido estar entregue daquela forma. Mas Seu Osvaldo pressentia o que estava para acontecer, pois a doença entrou numa fase irreversível e nem o tratamento quimioterápico adiantava mais.

Capítulo X - O porquê dos porquês

No dia do enterro de Seu Osvaldo Ludovico estava cabisbaixo, chorava algumas vezes quando as pessoas não estavam olhando. Lembrava-se dos muitos

encontros em que os dois jogavam xadrez e conversavam. Lembrava-se do jeito moleque que ele tinha de dar desculpas quando perdia uma partida. Lembrava-se ainda da maneira alegre e expansiva com que o avô contava estórias. Lembrava-se enfim, de todos os detalhes sobre o amigo.

Na sala onde velavam o corpo, muitas pessoas vinham prestar homenagem. Companheiros de ideologia se misturavam a conhecidos do jogo de pôquer que por sua vez se encontravam com amigos de bar, no meio deles, alguns familiares tentavam formar um bloco a parte, um pouco mais separado. Um dos amigos, Seu Plínio, que depois Ludovico soube que estava com ele quando da prisão na ditadura e em diversas outras lutas e protestos, começou a falar:

--- Osvaldo foi um exemplo. Um pai exemplar, um avô exemplar, um companheiro exemplar. Ele fez em vida o que muitos de nós gostaríamos de ter feito, tendo uma carreira como professor de história nas Universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para louvar a memória de Osvaldo Castelo de Moura quero dizer que Osvaldo tinha o espírito de guerreiro e que como nós desejava ver os homens unidos fraternalmente por uma solidariedade consciente para cooperar de modo voluntário com o bem estar de todos. Ludovico achou bem justa a homenagem. Sobretudo porque seu avô sempre foi um lutador e um homem de muita honra. Após a reunião se dispersar, o menino se lembrou do que Seu Osvaldo tinha dito certa vez: Todos temos que fazer o que tem que ser feito independente do que pensam ou esperam de nós. Depois dos discursos dos amigos e da oração do padre, o caixão foi carregado para fora da sala e levado para o pátio do cemitério onde seria enterrado. O menino acompanhou com os pais e o tio Greco, a procissão que carregava o esquife, muito orgulhoso do avô. Quando finalmente o corpo foi deixado na cova, ele não aguentou a emoção e chorou copiosamente, na frente de todos.

Depois de alguns dias o menino teve um sonho que lembrou de imediato quando acordou. No sonho, ele jogava uma partida de xadrez com o próprio Deus enquanto o diabo assistia. Decidira-se por contar o sonho em detalhes para a psicóloga quando se encontrassem.

Uma semana depois, chegou o dia do match final da Confederação de xadrez. Depois de enfrentar vários adversários, ele se via diante de um mineiro, duro na queda. Foram 11 empates, 5 vitórias e 5 derrotas. Quem vencesse a próxima partida seria o campeão brasileiro. Sua mãe ficava toda contente de ver o filho tão bem e Seu Ataíde então parecia que ia explodir de tanto orgulho. Apesar de todas essas expectativas em torno dele, Ludovico decidiu não ir ao confronto final e perdeu o título.

O fato do menino não ter ido ao confronto final gerou grande apreensão na família. Sua mãe achava que a morte do avô o havia transtornado demais. Seu pai, no entanto dizia que agora ele passava por uma nova fase de vida e era natural não estar disposto a certas coisas e além do mais, falava Seu Ataíde, o stress da final poderia não fazer bem a cabecinha do garoto.

Quando Ludovico foi à psicóloga na consulta semanal ela procurou abordar o assunto sem ser questionadora demais. Queria que a pergunta parecesse como uma curiosidade apenas.

-- Eu fico pensando Ludovico. Você gosta tanto de xadrez. Lutou tanto com vários adversários para chegar à final do campeonato e no fim desiste. Por que isso?

-- Não sei. Acho que não faria diferença mais eu ir ou não ir depois que meu avô morreu.

-- Mas por que isso? A vida continua, Ludovico. Quem morreu foi o seu avô, não você.

-- Eu sei, mas agora as coisas são diferentes. Ele era meu único amigo. Meu único verdadeiro amigo. Quando seu único amigo morre, as coisas mudam. E além do mais, vencer os outros não é tão importante

assim. Eu tive vários sonhos ultimamente.

-- E o que exatamente você sonhou?

-- Sonhei que jogava uma partida de xadrez com Deus.

-- Ah, é? E com quem Deus se parecia?

-- Deus era um velho cabeludo de barba branca e todo vestido de branco também. O diabo também estava lá assistindo tudo de braços cruzados.

-- Com o que se parecia o diabo?

-- O mesmo de sempre, Dona Éster. Com chifres, cavanhaque e todo vermelho.

-- E o que aconteceu?

-- Nós começamos. Eu abri com um Gambito de Rei para a gente poder explorar todas as possibilidades do tabuleiro. Deus se defendeu de uma maneira que eu não esperava e partiu para um contra-ataque onde eu previa que mais cedo ou mais tarde ia colocar meu rei em xeque-mate. Mas aí o diabo pigarreou e Deus me pareceu transtornado. Começou a jogar sem muito gosto e a perder peças em jogadas simples.

--- O Diabo estava manipulando Deus?

--- Não sei. Só sei que houve uma reviravolta e eu estava prester a vencer. Foi o quando o chifrudo se abaixou e falou baixinho no meu ouvido: "Mostre-se mais magnânimo que Deus e declare a partida empatada." Aí eu não sabia o que fazer e espalhei todas as peças do tabuleiro pelo chão.

--- Acabou o jogo?

--- É. Acabou assim. E o diabo foi desaparecendo junto com Deus. Só que os dois disseram uma frase que eu já conhecia antes de sumirem: "Esse mundo é como um tabuleiro de xadrez, uma casa é preta, outra casa é branca, assim é o estado de vida ou de morte, de graça ou pecado".

Epílogo

Hoje Ludovico está com 45 anos e é professor de

Informática na Universidade do Rio de Janeiro. Casou-se com uma de suas alunas e tem dois filhos. O tempo passou mas ele não esqueceu da paixão por xadrez. Continuou jogando no estilo do mestre Capablanca, ganhou muitos troféus pelos campeonatos que disputou e venceu um torneio internacional, embora nunca tenha sido campeão mundial. Chegou a ter uma invencibilidade de seis meses, num total de 78 jogos oficiais. Sua avaliação na FIDE (Fédération Internationale des Échecs - Federação Internacional de Xadrez) é um dos maiores do país. É membro efetivo da Confederação Brasileira de Xadrez e até foi eleito diretor da sede no Rio de Janeiro.

Que diabos estive fazendo nos últimos anos?

A alquimia do Tantra exige comprometimento em primeiro lugar. Essa espécie de aplicação que poucos submetem a si mesmos não para fins de uma obtenção futura, mas para uma consciência do aqui e do agora.

Foi o que me levava à Kajuraho, o famoso templo. Durante dias, que se tornaram semanas e depois meses, vim para frente do templo e meditei, postergando ao máximo minha entrada, a fim de conseguir a sintonia própria do lugar. Eu, um brasileiro, filho do carnaval, do samba e do choop gelado em pleno êxtase espiritual, finalmente, adentrei o lugar. O que vi, senti e experimentei guardo comigo. Não seria conveniente expô-lo; sobremaneira quando uma manada de curiosos está por vir.

Muito embora meu comprometimento tenha sido exemplar, no que se refere a meus questionamentos e Deus e a ninguém mais, não posso deixar de indagar a Santo Antonio de Cauleas, Patrono de Constantinopla: do que estamos falando quando nos

referimos à iluminação? Interrogo-o se não ocorreriam paralelos com a chamada santificação?

Prefiro colecionar meus incensários; preparando as essências eu mesmo, do que comprá-los já prontos, o que me dá tempo para pensar: Em sendo a iluminação, uma possibilidade infinitesimal, entre zeros e vírgulas, do que essa gente tanto fala?

Carla surgiu tão rapidamente quanto desapareceu da minha vida. O que eu buscava na época continua o mesmo hoje, embora hoje, eu tenha um sentido de alerta que em outros períodos me faltava. Quem sabe, a experiência amorosa seja, em si, a chave (e aí volta toda a questão do orientalismo que me traz à alquimia do Tantra) para a compreensão dessas experiências. Não posso deixar de inquirir se poderia ser real a possibilidade de uma reconciliação com Carla.

O zênite da minha inquirição foi quando percebi, para meu desgosto, que santificação e iluminação estariam definitivamente em caminhos paralelos que não se cruzam. Mesmo assim, tracei uma rota única que vislumbrava a translúcida escuridão

de São Dionísio e que certamente Santo Antonio de Cauleas estaria em comunhão, após várias sessões de Nadabhrama. Carla estava no brechó, meditando como de hábito e cheguei eu, animado com minha descoberta.

--- Oi.

--- Oi. Que te deu? Que bicho te mordeu?

--- Um insight.

Descorri, ao máximo que pude, a respeito de minha nova perspectiva e pude ler em seus olhos castanhos claros que ela percebia, na real, o que ocorria comigo. Embora não compreendesse, talvez, intelectualmente, a magnitude do que eu dizia, sem dúvida, tinha noções o bastante para me acompanhar no pensamento e, pôde 'conter-me' quando lhe disse que seguiria, sem mais delongas aquela rota, como eu mesmo chamava.

--- Bem, não temos mais relacionamento, lembra? --- disse ela --- Não tenho como te impedir de fazer o que quiser e mesmo quando tínhamos...

--- Certo. Já sei o que você vai dizer. Não se incomode. Sei onde estou me metendo.

Estava eu, àquela altura, seguro de que podia tomar um drink com o demônio, me certificar de que ele não tinha me seguido e comemorar minha façanha. E embora eu tenha uma dezena de motivos para deixar

de ir ao templo novamente, quando finalmente chegar lá, direi:

Meu comprometimento está na medida em que o aqui e o agora estiverem dispostos a mostrarem a meus cabelos loiros e minha face pálida a que vieram e não eu a eles, à moda de Lao Tzé e de Aleister juntos!

Apartamento 606 - questionamentos

Antunes, o porteiro

As pessoas logo começaram a falar. Não sei como elas conseguem perceber tal coisa. Talvez nós mesmos, com nossos gestos e atitudes hesitantes tenhamos nos traído. Ou talvez tenhamos esquecido uma foto comprometedora em algum lugar, não sei. O fato é que todos falavam e nós sabíamos disso. Tivemos certeza outro dia, quando o porteiro entregou as cartas endereçados ao nosso apartamento a Andréia. Segundo ela, Antunes, o porteiro, usou de uma “frieza cavalari” ao entregá-las. Retruquei dizendo que “os cavalos não são frios”. De onde ela tinha tirado essa idéia? Se os cavalos tornam-se frios é pelo contato com o ser humano. O animal doméstico imita o dono e assim também acontece aos cavalos. De qualquer forma, Antunes sabia de alguma coisa. Fingimos durante algum tempo não nos importar. Afinal, o que mudaria a partir daí? Nada. Desde muito tempo nosso amigo

porteiro estava inteirado de nossas inclinações anarquistas e a despeito disso sempre nos tratou com o maior carinho. Chegava mesmo a me cobrar uma revanche numa partida de xadrez que tínhamos tido numa ocasião. Nossa intimidade não era pequena. Portanto não era porque tínhamos idéias pouco convencionais em matéria de política que ele se mostrava frio. Valéria logo disse que seria melhor nos afastarmos de Antunes durante algum tempo. Ao que eu, Gustavo e Andréia, fomos contra. Isso só confirmaria as suspeitas, no caso de serem apenas suspeitas, ou nos tornaria culpados com c maiúsculo no caso dele realmente saber. Por fim, cada um de nós trouxe à baila uma experiencia onde as pessoas do prédio comportavam-se de forma diferente conosco. Como eu disse antes, tentamos fingir que nada acontecia. Isso não nos incomodou muito ou pelo menos não o bastante para decidirmos fazer alguma coisa a respeito. Continuei a viver a minha vida como sempre. Trabalhando durante o dia, descansando à noite e nos fins de semana. Assim também aconteceu aos outros. Sempre esperamos, que pequenas coisas no nosso cotidiano nos dêem a indicação ou pelo menos a impressão, de que somos especiais. Desde o mendigo mais sujo e maltrapilho até o empresário mais bem-sucedido essa é uma constante. Todos se mostram arredios e contrariados a qualquer coisa que mostre a própria pequenez ou mediocridade. Pode ser que este seja um motivo para termos decidido agir como agimos. Eu não sei. O que eu sei é que todo o meu ser me diz que tomamos a decisão certa. Nada me faz sentir tão especial quanto isso. Gostaria de eternizar esses momentos. Eles tem sido tão bons que só posso pensar que não vão durar muito. Algo exterior vai acontecer e nos separar ou um

conflito interior vai se desenvolver e fazer com que nosso convívio seja impossível. Ocorrendo ou não o que eu espero e parafraseando um conhecido poeta, que “o amor seja eterno enquanto for livre.”

Eu e os outros

Voltando um pouco no tempo, eu e Valéria começamos a namorar há mais ou menos cinco anos quando eu a conheci num show de rock alternativo. Já naquele dia ela me pareceu alguém misteriosa. O que só veio a se confirmar, duas semanas depois, quando ela se sentiu à vontade para me dizer que era “estudante de ocultismo” e fazia parte de um Cowen de magia negra. Achei excitante namorar uma bruxa, mas não deixei que ela me contaminasse com suas idéias, o que não foi impedimento para nosso relacionamento. Durante todo o tempo que a conheço sempre tive certeza que se eu me comportasse como eu era realmente, sem tentar melhorar nem piorar nenhuma de minhas qualidades ou defeitos, tudo ficaria bem e nós continuaríamos juntos. Meu nome é Yuri e adoro rock’n roll desde que me entendo por gente. Jogo xadrez como poucas pessoas e me defino como um agnóstico que já teve o niilismo como a sua filosofia durante um bom tempo da sua vida. Valéria é uma pessoa muito mística e freqüentemente nossas visões de mundo não se encontram, mas quando vamos para a cama tudo se resolve. Parece-me que muito do que nos atraiu mutuamente foi a completa ausência do que muitos definiriam como moral. Não que eu seja mau-caráter. Pelo menos não me considero assim. Também não julgo Valéria desse modo. O que quero dizer é que não ligamos para o que a sociedade pensa. Se achamos certo, fazemos.

Sempre foi assim.
Conhecemos Gustavo e Andréia há 3 anos. Eles namoravam há um bom tempo e nós quatro participávamos de um coletivo anarquista no Grajaú. Certo dia conversamos sobre dividir um apartamento. Eu já estava cansado de morar com meus pais e o mesmo acontecia com Valéria, Gustavo e Andréia. Decidimos que seria melhor alugar alguma coisa na Tijuca e assim, foi o que fizemos. Naquela época nem sequer imaginávamos o que viria alguns anos depois.

Anos 1970

--- Tem muito sal no feijão.

--- É, acho que eu exagerei. Não dá nem para comer, não é?

--- Tem que jogar fora.

--- Vamos comer alguma coisa numa lanchonete.

--- Vocês podem ir. Eu vou me virar com esse biscoito aqui.

---- Tá sem fome?

---- Não to afim de comer muito não.

Eu, Valéria e Gustavo fomos para a lanchonete enquanto Andréia ficou em casa. Comi um chesseburguer com bastante catchup e mostarda e bebi um suco de laranja. Valéria preferiu uma pizza musarella. Gustavo se contentou com um milk-shake e uma porção de batatas-fritas.

--- Quanto tempo não vínhamos aqui, não é? --- disse Valéria com um ar nostálgico.

Nenhum de nós dois respondeu de imediato. Esperamos a poeira assentar antes de

acrescentar um comentário. A passagem do tempo, como descrito por Valéria pegou-me desprevenido. Imagino que teve o mesmo efeito em Gustavo.

---- Quase um ano. --- respondi finalmente.

---- Eles colocaram umas plantas na varanda e dentro da lanchonete. E tem esses quadros novos também. --- observou Valéria encantada com as novidades.

---- É. Ficou legal. --- disse eu ---

O que não dá pra entender é porque tiraram aquele grande globo estroboscópico que ficava aqui no meio. Aquilo era o grande charme do lugar.

---- É verdade. --- Confirmou Valéria.

---- Mas eu sei porque eles tiraram.

--- continuou ela. --- Esperavam que a onda de dance music voltasse com força total. Como não aconteceu, resolveram tirar.

---- Embalos de sábado à noite. Uhuu.

--- falou Gustavo requebrando-se na cadeira para imitar o Jonh Travolta.

Nós tres rimos enquanto saíamos da lanchonete. O passado nos enternecia e o futuro parecia mais brilhante.

Delícias literárias

A campanha tocou.

Entreolhamo-nos com severidade. Quem iria atender? Se fosse Gustavo, era de se esperar que quem atendesse ia receber ao menos um sorriso. Se fosse eu, nem isso. No caso de Valéria atender, uma tranqüilidade misteriosa invariavelmente se apossaria de quem estivesse chamando. Se

Andréia abrisse a porta, demoraria algum tempo para sabermos do que se tratava; teríamos que arrancar dela a informação.

No terceiro toque, Valéria se levantou. Levou uns dois minutos conversando com quem estava na porta e depois a fechou, tendo nas mãos uma caixa do correio. Antunes tinha vindo entregar diretamente porque o correio exigia assinatura de recebimento.

Veio toda alegre me mostrar o que era. Um livro do Kama Sutra. Com ilustrações e tudo. Ela tinha comprado pela internet, numa dessas megastores que vendem livros e cds. Todos se interessaram e ela acabou lendo alguns trechos em voz alta.

Depois fomos dormir pois estávamos muito cansados. Durante a noite, Andréia me procurou e eu a satisfiz. Valéria e Gustavo dormiram como anjos.

O parque da Tijuca

---- Vou até o parque hoje.

Alguém vem comigo? --- perguntou Andréia.

---- Tenho que consertar essa cadeira. --- disse Gustavo.

---- Eu e Valéria estamos lendo o livro do Kama Sutra.

---- Por que vocês não o levam para ler no parque?

---- Não quero ir para o parque, não. --- disse Valéria.

---- Vamos ficar por aqui mesmo.

---- Tá bom. Então eu vou sozinha.

---- Vai na frente. Que eu encontro voce lá. É o tempo de eu acabar aqui. ---

falou Gustavo, mudando de idéia.

---- Não, pode deixar. Eu vou sozinha.

Assistimos TV e lemos a arte indiana do amor na versão clássica de Richard Burton. Nunca entendi o porque das pessoas acharem tão natural e até, muito louvável, a maioria sempre impor seus desejos à uma minoria que não é abastada. A democracia, tal qual ela é, não passa disso. Mas existem reviravoltas surpreendentes onde uma minoria consegue sobrepor-se a maioria, por suas concepções estarem mais de acordo com a razão. Acho que foi mais ou menos o que aconteceu quando decidimos todos largar o que estávamos fazendo e ir encontrar com Andréia no parque. A idéia foi de Gustavo e ele nos convenceu argumentando que Andréia estava já há muito tempo se sentindo deslocada de nós tres e que necessitávamos mudar isso. Passamos o domingo lá, em meio a grama verde e as árvores.

À noite, quando voltamos para casa, Andréia colocou Night and Day de Cole Porter para tocar no som e dançou com Gustavo durante um bom tempo. Refestelamo-nos à mesa e comemos um bom jantar à base de macarrão com muito molho e peixe assado.

Sílvia, a vizinha

A semana transcorreu como de costume. Encontrávamo-nos à noite depois do trabalho. Naquela altura meu relacionamento com Valéria já não ia muito bem. Imagino que o mesmo deveria acontecer com Gustavo e Andréia. Não se tratava absolutamente de termos enjoado um do outro, muito menos de qualquer discussão que gerasse raiva. Tudo se passava com uma

atmosfera de incompreensão. Isto sim.
Simplesmente não estávamos mais
compreendendo um ao outro como sempre
tínhamos feito de maneira tão bela anteriormente.
Fui até o playground do
condomínio para sentir o frescor da noite.
Aproveitei para fumar um cigarro. Nisso apareceu
Sílvia, vizinha nossa do 306. Quando me viu,
imediatamente me cumprimentou. Conversou
com uns caras que jogavam poquer numa
mesinha. Passou alguns minutos com eles. Eu a
observava. Depois virou-se e dirigiu-se até mim.
--- Como vai o agnóstico
inveterado?
--- Bem melhor do que muita
gente que vai à Igreja. Isso eu posso garantir. ---
falei dando risadas.
--- Nossa Igreja está organizando
uma festa para crianças carentes aqui perto. Quer
participar?
---- Ah, não. Obrigado.
---- É um trabalho social. Não foi
voce que disse outro dia, que o trabalho social é
muito importante?
---- É. Mas não sou muito
envolvido nisso. O Gustavo é que participa.
---- Nunca é tarde pra começar.
---- Fica pra próxima.
---- Tá bom. Vou deixar você em
paz. Até logo.
---- Até.
A mulher realmente tinha pouca
coisa boa na cabeça. Limitava-se às intrigas entre
as pessoas conhecidas, do prédio e da Igreja. O
que a irritava e conseqüentemente a fazia grudarse
em mim quando me avistava era a habitual
barreira que eu construo entre mim e qualquer
pessoa que se aproxima. Tentava, em vão, quebrála.
Às duas da madrugada resolvi

subir para o apartamento e dormir o resto da noite. Quando cheguei achei que todos estavam dormindo porque a luz estava apagada, mas Valéria estava acordada. Ela me esperava. Queria ter uma conversa.

Intermitência

---- O que você pensa que está fazendo? -- perguntou ela enraivecida, mas controlando a voz para não acordar os outros.

---- Hein?

---- Já aconteceu pelo menos umas cinco vezes. Vai negar?

--- O quê?

--- Você e ela. --- disse apontando para o quarto de Andréia e Gustavo.

--- Eu e Andréia? O quê?

--- Não se faça de sonso. Vocês tem feito sexo.

--- Não. -- disse eu veementemente.

--- Como não? E você acha que eu não escutei os gemidos dela aqui no sofá da sala?

--- Nada disso aconteceu.

--- Você acha realmente que eu sou uma idiota, não é?

--- Valéria, por favor. Você vai acordar os outros com essa besteira.

--- Ah, é uma besteira, não é?

--- Quer saber, é. É uma besteira. Não significou nada pra mim.

--- Ah, é? E pra mim. Você pensou no que poderia significar pra mim?

--- Olha, Valéria. Eu gosto de você. Eu te amo. Mas às vezes essas coisas acontecem.

--- E se acontecer comigo?

--- Tudo bem. Não muda nada.

--- Tá bom. Mas lembre-se: Não fui eu quem começou.

Fazer uma cena dessas não fazia nenhum pouco o gênero de Valéria. Mas alguma coisa tinha despertado o lado possessivo dela. De qualquer modo, tudo se resolveu ou pelo menos eu achava que tinha se resolvido. Naquele dia fui dormir com a cabeça quente.

Amanheceu. Era Sábado e eu passei os dedos pelos meus CDs de rock, tentando buscar alguma coisa que me aquietasse o espírito. Gustavo e Andréia faziam meditação na linha do guru indiano conhecido como Osho. Valéria lia o Kama Sutra, compenetrada. Peguei meu walkman e decidi-me por ouvir um pouco de “Nenhum de Nós”.

Foi reconfortante perceber que pouco ou nada se faz hoje de tão bom quanto o que se fez ontem em matéria de música. Se por um lado, isso não me dava boas perspectivas para o futuro, pelo menos fazia-me superior às gerações posteriores à minha.

--- O que cê tá ouvindo? -- perguntou Valéria, no que me pareceu um movimento sinceramente cordial.

Passei um dos fones de ouvido para ela. Após alguns segundos, ela sorriu e disse que também gostava daquele conjunto. Assegurei-lhe de que os acordes de “O que Clark Kent não viu” compunham um dos melhores rocks que eu já tinha escutado em toda a vida.

Aquele momento lembrame do tempo em que eu fazia parte de uma banda. Éramos cinco no total. Lima, Clóvis, Chico, Marcos e eu. Tocávamos em qualquer buteco que pagasse no mínimo nossa passagem e o

que gastávamos com comida, às vezes nem isso. Muito unidos, nós contávamos uns aos outros todas as nossas façanhas sexuais. Foi nessa época que tive minha primeira trepada. A menina tinha mais experiência do que eu e por isso, obrigou-me a verdadeiras estripulias porque eu não podia, de maneira nenhuma, deixar que ela suspeitasse de minha virgindade. Para “provar” que eu sabia o que estava fazendo, exagerei na dose e acabei me esquecendo completamente da penetração, concentrado que estava nas devidas preliminares. Foi apenas com as várias e insistentes súplicas da garota para que eu consumasse o ato que acordei do meu estado de extase orgástico por estar diante de um corpo de mulher nu.

Havia um clima pesado no ar porque todos passávamos por problemas financeiros. Eu estava endividado no cartão de crédito. Valéria se esforçava para pagar um empréstimo do qual restavam juros. A situação de Gustavo e Andréia era parecida. O sábado foi passando devagarinho e resolvemos beber um pouco para esquecer do que nos afligia. Depois de alguns goles de cachaça, todos estávamos bem animados e não lembrávamos mais de nenhum fantasma das finanças. Puxei uma cadeira no centro da sala e propus um jogo de xadrez. Todos dispensaram dizendo que eu era muito bom e certamente iria vencer, o que tornava o jogo muito chato. Ao invés disso jogamos buraco. Já era de manhã quando deixamos as garrafas e as cartas de lado e fomos dormir. Quando acordei passava das 14:00 e Andréia estava nua deitada por cima de mim. Comecei a me lembrar vagamente do que tinha ocorrido durante a nossa “manhã de sono”. Minha primeira providencia foi me levantar e vestir as calças. Depois me dirigi até a cozinha atrás de mais um gole de 51 para curar a ressaca. Procurei Valéria por toda a casa e não a achei. Foi

quando percebi a porta do quarto de Gustavo entreaberta. Quando entrei ele e Valéria se surpreenderam e pararam de transar. Desculpeime dizendo que não queria atrapalhar e saí do quarto. Decididamente, nossas relações de amizade estavam ainda mais liberais do que já eram.

Sérgio, o administrador

Meu emprego como assistente administrativo não exigia muito de mim.

Tudo o que era necessário consistia em saber agradar quem fosse receber o meu relatório sobre as condições de funcionamento do setor de verbas da Universidade. Se o analista fosse muito rigoroso com relação aos aspectos técnicos, eu os detalhava minuciosamente; se o analista desse muito importância à comunicação dos diversos órgãos, eu dava ênfase a esse aspecto e assim por diante.

Mesmo assim, a monotonia do cotidiano causada pelo próprio caráter do cargo, trazia-me sérias dificuldades. Sentia-me, muitas vezes, esmagado pelo constante nonsense da prática administrativa.

--- Como está a Valéria?

--- O que?

--- Como vai a Valéria?

--- Bem. Muito bem. Vamos combinar... um dia para sairmos juntos?

--- Vamos. Mês que vem fica melhor pra mim.

--- Tá legal.

Certo dia, durante o turno da manhã, houve várias mudanças na sala em que eu

trabalhava. Vários armários foram retirados, cadeiras e mesas trocaram de lugar, entre outras coisas. Tivemos tanto trabalho que só pude almoçar ou melhor, comer algo que correspondesse ao almoço, às 3 da tarde. Normalmente isso não acontece em nenhum serviço público, como sabe qualquer um que tenha vivido essa rotina, mas todos na unidade estavam imbuídos de um franco sentido de colaboração. Esse espírito durou um dia ou dois, no máximo e a entrada do nosso novo chefe era responsável por isso. Ele costumava dizer que seu lema é “todos por um e um por todos”. O homem era um poço de entusiasmo. Era até difícil imaginar uma pessoa como ele integrado num sistema tão burocrático, inoperante e modorrento como o de uma Universidade brasileira. Mas a despeito de tudo isso, lá estava ele, contagiando a todos enquanto fazia piadas. Em geral piadas de português.

--- Manuel andava na rua quando de repente sentiu que lhe jogaram uma pedra no peito.

--- E aí?

--- Olhou para trás para ver quem era.

--- Essa não teve graça, Sérgio.

--- Isso é porque você é descendente de português e não entendeu ainda. Semana que vem você vai começar a rir.

No final das contas, acho que esse entusiasmo todo mais atrapalhava do que ajudava. E ele, como qualquer um, aliás, teve que perceber, depois dos dois dias de começo, que “a banda não toca desse jeito.” O problema com a administração é que é importante demais para se deixar a cargo dos administradores. Numa sociedade anarquista, todos estariam envolvidos no processo de gestão do que quer que fosse,

criando uma verdadeira cooperação entre as pessoas e não um arremedo de trabalho mútuo como esse que se instala em qualquer repartição pública.

Naquele dia eu cheguei em casa cansado e com fome porque tinha trabalhado até às 3 horas da tarde e por isso, “almoçado” um sanduíche que não tinha me satisfeito em nada. Fui até a cozinha e encontrei Gustavo tomando uma cerveja. As meninas tinham saído.

--- Passei o dia à base de sanduíche.

--- Viva o american way of life!

--- É. Isso faz mal à saúde.

--- Que nada, rapaz. Você se acostuma.

--- Por falar em se acostumar.

--- disse eu enquanto pegava queijo na geladeira e pão no armário. --- Você se acostumou com o ronco da Valéria?

--- A menina ronca mesmo.

Mas diga lá: Ce ficou chateado por a gente ter se relacionado?

--- Não. Que é isso? Eu só to querendo esganar você, meu caro.

--- Ah, o que é que há?

Vamos brigar por causa de mulher?

--- Eu não sei se você

entendeu, compadre. Eu e Valéria estamos tentando construir uma coisa séria, uma família.

--- E você acha que eu não

penso nisso? Eu também quero ter uma família algum dia, cara. Mas não sei se vai ser com a Andréia. Só o destino vai dizer.

--- Destino?

--- É. Destino.

--- Isso tem a ver com o Osho também?

--- Não, Yuri. Isso tem a ver comigo. Agora, me diga uma coisa irmãozinho, porque é que você tá com tanta raiva assim se foi você quem comeu a minha namorada primeiro?
---- É diferente. Ela que me procurou.
--- Diferente por que? Foi a Valéria que me procurou também. Relaxa, irmão. Não vale a pena discutir por causa de mulher.
---- É. Tem razão. Daqui a pouco as duas estão aí de novo. Não vamos dar bandeira para elas perceberem que andamos discutindo, falou?
--- Falou irmãozinho.

Aline, a internauta

Numa de minhas incursões pela internet, topei com um site bem interessante: Arautos do Ceticismo. Podia até ser nome de banda punk, mas era o nome do site. Tratava de assuntos relacionados à ateísmo e agnosticismo, além de ter um chat. Altos papos rolaram lá.
Mensagem postada em 21/10/2004:
Igreja protestante admite membros gays
Achei muito legal a iniciativa do pastor gay Leonardo de Castro e Silva que resolveu abrir uma igreja para gays, lésbicas e bissexuais. Isso só vem a mostrar que a palavra de Deus está aí para todos, sem exceção...
Aline Seixas
Mensagem postada em 23/10/2004
Hipocrisia da igreja
Muito pelo contrário, minha cara
Aline. Isso só vem a mostrar que a Igreja aceita tudo e todos sem exceção, desde que dêem o dízimo devidamente. Todos os bons costumes, tradições e dogmas caem por terra quando o

interesse é atingir mais fiéis. Tudo o que eles (os religiosos) desejam é aumentar sua esfera de influência seja lá por que meios. Acho essa medida extremamente reacionária na medida em que segrega os gays e lésbicas numa só igreja, quando eles deveriam ser aceitos em qualquer igreja. Para dizer a verdade, igreja e religião só serve para segregar as pessoas, separá-las umas das outras, dando-lhes um rótulo.

Yuri Cardoso dos Santos

Mensagem postada em 28/10/2004

A mídia e a sua guerra

Yuri, você como a maioria dos que estão aqui nesse chat, se mostram extremamente liberais para com as minorias para dizer que estão do lado do bem, enquanto nós, os “religiosos” somos o mal. O que você e os outros não querem enxergar é que a mídia está diretamente ligada à uma grande campanha contra as religiões, destinada a tornar a todos melhores consumidores, sem os “entraves” que uma pessoa espiritualizada tem quando vai comprar alguma coisa, assistir um programa de TV, ir ao cinema, etc... Pense um pouco antes de falar besteira, afinal de contas você tem que dar o exemplo de bom moço para as pessoas pensarem que você está do lado do bem. Veja, nós estamos numa guerra. A palavra de Deus foi revelada para toda a humanidade. Foi para você também. Ainda está em tempo de se converter. Não fique do lado da mídia.

Aline Seixas

Mensagem postada em 1/11/2004

A verdadeira guerra

Você me faz rir com o seu apelo sentimentalóide, Aline. Estamos numa guerra sim minha cara, mas ela é bem diferente do que vocês, religiosos, pintam. O confronto não é dos ateus e

agnósticos contra os religiosos. Nem da mídia contra os religiosos. O confronto é muito mais amplo, é daqueles que desejam uma nova civilização, uma nova humanidade, livre dos preconceitos, ajustamentos e tradições que nos levaram até onde estamos hoje, ou seja, um mundo cheio de violência, avidez, incompreensão e desequilíbrio contra aqueles que desejam manter esse mesmo estado de coisas porque estão ganhando dinheiro com isso, os poderosos, sejam eles religiosos ou não.

Só coloco as religiões no meio desses poderosos porque o uso que eles fazem da espiritualidade traz mais violência e destruição para o mundo. Religiões institucionalizadas servem para que, senão manter uma tradição? Ritos, costumes e rezas não fazem de ninguém uma pessoa espiritualizada. Eu, com meu agnosticismo pragmático, me considero muito mais espiritualizado do que qualquer católico, protestante, budista, muçulmano, etc...

Yuri Cardoso dos Santos

Mensagem postada em 4/11/2004

Converta-se enquanto é

tempo...

Deus está vendo o que você está dizendo e Ele é o juiz de todos. Se até mesmo lésbicas e gays se converteram, porque você não o faz? Por acaso é melhor do que eles? Seja humilde, admita que existe uma consciência superior que tudo criou.

Aline Seixas

Não respondi à última mensagem da menina. Era covardia, porque eu comecei a escrever e vi que não ia parar enquanto não destruísse todo o castelinho de areia que ela tinha criado através da fé cega. Resolvi deixá-la na ilusão.

Família

Cada dia que passava eu tinha mais impressão de que tudo no meu relacionamento com Valéria havia mudado muito. Antes, raramente conversávamos sobre planos futuros para uma família, uma casa, filhos e tudo o mais. Naquele momento nem esses momentos raros aconteciam mais. E por mais melodramático que seja, eu gostava daquelas conversas, faziam falta, porque me traziam aquilo que muitos definem como “esperança no futuro”.

--- Que horas você vai ?

--- Daqui a meia hora.

--- Não esquece de trazer pimentão.

--- Não precisa de mais nada?

--- Cebola, alho... Tudo que está escrito nessa lista que eu te dei.

--- Ah, tá.

Choveu bastante naquele dia.

Foi tanta água, que eu simplesmente esqueci de comprar àquilo que Valéria tinha pedido. Ela não me perdoou. Nossa discussão foi bem mais longe do que prevíamos. Acabou com um machucado na minha cabeça, fruto do arremesso de uma embalagem de perfume da parte de Valéria e um tapa bem dado na cara dela da minha parte.

Gustavo e Andréia chegaram depois, perguntando o que tinha acontecido.

--- Nossa, rolou um barraco legal aqui. --- disse Andréia rindo e tentando amenizar as coisas.

--- Desculpa Valéria. --- falei

eu, quando me dei conta de como ela estava amuada por causa do tapa. --- Minha cabeça tá doendo até agora.

---- Bem feito. --- disparou ela.

---- Não vai ficar chateada
comigo por causa disso, vai?

---- Vou sim. --- disse
correndo para o quarto.

Não tive coragem de ir atrás
da menina. Achei melhor esperar um tempo até
que esfriasse a sua raiva. Andréia foi até lá
consolá-la, enquanto eu e Gustavo ficamos
conversando na sala. É interessante notar como
pequenas coisas provocam um verdadeiro
turbilhão quando não colocamos para fora grandes
coisas que nos atormentam. Havia caído um
senhor temporal. Ainda que eu não tivesse
esquecido de comprar o que ela pediu, como
acontecera, mas se eu tivesse simplesmente
desistido de passar no supermercado por causa da
chuva, não seria motivo para Valéria discutir
comigo, muito menos ficar brava a ponto de jogar
um vidro de perfume na minha cabeça. Nada mais
natural, em vista das circunstâncias, que a minha
reação tivesse sido aquela: dar-lhe um tapa no
rosto. Tudo aquilo era desconcertante porque eu
não sabia discernir o que estava nas entrelinhas do
que estava escrito. Eu sabia que nossa relação
tinha mudado, mas não sabia o porquê nem a
causa. As conseqüências é que se mostravam
claramente.

Eu e Gustavo resolvemos
jogar uma partida de vinte e um, o que se arrastou
depois em várias partidas de buraco. Ganhei a
maioria delas. É como dizem: “sorte no jogo, azar
no amor”.

--- Longe de mim querer me
intrometer na sua vida, mas, diga lá, porque não
foi trabalhar ontem? --- perguntou Gustavo com
cuidado para não ferir minha suscetibilidade
aflorada pela briga com minha namorada.

--- Não estava com vontade.
Está cada vez mais chato.

--- Desse jeito, logo, logo,
teremos um novo desempregado no mercado.
--- Vou arranjar uma receita
médica com aquele amigo meu.
--- Tem dia que é melhor
nem sair de casa mesmo. Aí, irmãozinho, não quer
trocar de emprego comigo, não?
--- Eu troco. Seu emprego
não é tão chato quanto o meu.
--- Você acha? Acha que
ficar de frente para um computador, digitando o
dia inteiro não é um pé no saco? É muito chato,
cara. Só não é mais chato porque eu não deixo.
--- Eu preferiria ser
digitador do que assistente de administração.
--- No final das contas, é
tudo a mesma merda. Todos os empregos
possíveis e imagináveis servem para sustentar uma
elite poderosa que sabe que têm um milhão atrás
do seu cargo e por isso você faz tudo muito
direitinho para agradar o patrão. Um dia isso tudo
vai acabar, um dia vai ter que acabar.
--- Enquanto esse dia não
chega, eu vou fugindo do trabalho quando ele se
torna insuportável.
--- Esse teu amigo não me
arranja uma receita, não?
--- Arranja, ué. Só passar
lá, diz que me conhece.
--- É o que eu vou fazer
qualquer dia desses.

Conclusões e especulações

Todas as religiões não passam de uma grande mistificação. Um monte de blá, blá, blá muito bem articulado em torno de figuras bem carismáticas como Jesus, Buda ou Moisés. Sinto

vontade de vomitar toda vez que me falam deles. São como cadáveres em eterna decomposição. Os líderes religiosos não têm nenhuma diferença dos políticos porque ambos usam a boa fé, --- ou seria a estupidez? -- dos fiéis assim como dos eleitores, para adquirir fama, prestígio e poder e ambos causam desgraça e divisão no mundo.

Daqui a 2.000 anos bastante do que falamos hoje pode ser devidamente absorvido pelo sistema se for transformado em religião. Ironia, das ironias, uma religião, com seitas e adeptos pode muito bem surgir em torno de Mikhail Bakunin. O futuro do anarquismo como movimento político seria desvirtuado de maneira bem conveniente se isso ocorresse. Existem algumas pessoas sérias que são religiosas, não nego isso. Mas são muito poucas porque não é possível se comprometer com um sistema que delega todo o destino humano a uma suposta consciência superior e permanecer sério. Qualquer um que esqueça da racionalidade para apostar na fé, está se enganando, quer se enganar.

A racionalidade é a base de todo e qualquer entendimento da realidade. É a partir de uma mente racional que se constrói a união da raça humana em torno de um objetivo único, a paz. Racionalidade que é bem diferente do cientificismo do socialismo e da tecnocracia que foi construída tanto pelo comunismo quanto pelo capitalismo. Racionalidade que está muito mais relacionada com o sentido de comunidade e de liberdade.

O fascismo é o regime predileto dos religiosos. Apela para a fé cega em torno do Estado, assim como se faz em torno da Igreja. É sempre em nome da divindade ou da segurança do bem comum através do Estado que se cometem os maiores crimes contra a humanidade. Humanidade essa que muitas vezes

faz por merecer tanta violência. Certos dias sinto vergonha de pertencer à humanidade, vergonha de ser um ser humano. Todos são hipócritas, querem pertencer sempre à uma classe superior à que pertencem, e por isso pisam na cabeça dos outros sem o menor pudor porque o homem nasceu para a glória e isso é uma graça divina, como ensina o protestantismo. O catolicismo não fica atrás e enche seus fiéis de culpa por serem pecadores. Tanto um quanto outro, só preparam caminho para o patrão passar com toda a sua parafernália, todos mantêm o status quo muito bem nutrido. A maioria das pessoas deveria andar com uma placa na testa escrita: Sou um imbecil! É o que são. O tempo inteiro alimentam um sistema que os torna neuróticos e nunca se dão conta disso. Toda a pretensa boa vontade das autoridades desaparece por completo quando negamos a eles o voto, o dizimo ou o que é muito mais importante, nossa fidelidade. Se as pessoas percebessem esse detalhe, deixariam de ser imbecis.

Noitada

Tremenda quarta-feira. Depois do serviço fui para casa esperando algum sossego. Quando cheguei me deparei com a cena digna de Calígula, se ele fosse mulher. Valéria e Andréia nuas dançavam embaladas por uma música da Madona a toda altura. Entre uma rebolada e outra, elas se beijavam e ao que parecia bebiam feito loucas. Riram um bocado quando me viram. Após algum tempo paradas e um pouco envergonhadas, continuaram a dançar. Ia perguntar o que estava acontecendo mas refleti por um momento e resolvi ficar calado e me dirigir para o quarto. Guardei minha pasta e troquei de roupa. Quando voltei

para a sala, as duas me agarraram e me beijando, me fizeram dançar junto com elas. Bebemos muito naquele dia. Misturei cerveja com licor de pêssego e um pouco de cachaça, o que me deixou totalmente grogue.

Quando Gustavo chegou, eu já tinha transado com cada uma pelo menos umas duas vezes e elas continuavam querendo mais. Como eu não podia mais satisfazê-las, foi a vez dele. Eu assisti a tudo, entornando mais um copo de cerveja.

Não posso dizer que me sentia à vontade com aquilo. Na verdade não era nada confortável. Mas as meninas estavam numa espécie de catarse, o que acabava me contagiando também, no final das contas.

--- Gostou da noitada, gatão? -- perguntou Valéria quando terminamos.

--- Gosteeei. Foi realmente

... animador. --- disse eu sorrindo. --- Só me preocupo com amanhã. Não sei como vou conseguir acordar para trabalhar. Essas coisas, a gente tem que fazer no final de semana.

---- Essas coisas acontecem.

Assim... sem hora nem lugar.

---- É. Deixa eu te

perguntar uma coisa: Voce já fez isso antes?

---- Não. Porque?

---- Nada. Só pra saber.

---- Acha que eu sou uma puta?

---- Não foi isso que eu

disse. Eu só perguntei...

---- Ah, deixa para lá. Não

quero brigar contigo. Vem cá, me abraça.

Dormimos até as 11 horas

da manhã e eu tive que dizer que tinha estado doente no serviço, o que não era tão difícil de acreditar, dada a minha aparência horrível.

Corte

Não posso descrever o que acontecia conosco como habitual. Era mais uma coisa que ocorria quando nossos nervos tinham chegado a um estado de tensão tal que era preciso aliviá-los de alguma forma. Era o que fazíamos quando rolava o sexo grupal. O fato de que todos nós tínhamos apresentado uns aos outros o teste de AIDS negativo pode sugerir que nós de antemão planejávamos isso, o que não é verdade, por incrível que pareça. Quando pensamos no teste de AIDS foi para salvaguarda de um possível acidente doméstico, como um corte por exemplo, situação na qual um aidético é potencialmente perigoso para aqueles que vão tratá-lo. De maneira nenhuma o “amor livre” que praticávamos era algo corrente no meio anarquista ou em qualquer outro meio de que fazíamos parte, de modo que uma grande mudança operou-se em nossos comportamentos quando nos demos conta do que havíamos feito. Eu evitei encarar muito diretamente o semblante de Andréia e Gustavo durante algum tempo. Havia um certo constrangimento entre nós que por outro lado, me uniu mais a Valéria. Voltamos às conversas habituais sobre família, casa, etc... Acredito que o mesmo se verificou com Gustavo e Andréia, de um jeito ou de outro. É óbvio que muito do que acontecia era fruto da nossa peculiar situação. Estávamos todos na faixa dos 30 e poucos anos de idade e diga-se de passagem nenhum de nós tinha inclinação para fantasias sexuais mirabolantes ou estranhas, mas ao contrário da maioria das pessoas não nos importávamos com a moda, não éramos consumistas, não nos agregávamos a nenhum

partido político e nem nossa relação com a religião era convencional. Isso tudo nos uniu muito, ao mesmo tempo que nos afastou das outras pessoas. O que você faz quando encontra alguém cuja relação contigo não pode se basear na amizade nem na inimizade e muito menos na indiferença? O que você faz quando torna-se claro que essa relação é tão vital que você não consegue nem mesmo fingir um sentimento? Só resta como última alternativa amar esse alguém. Era o que fazíamos. Isso não é sentimentalismo, é uma constatação. Não podíamos nos contentar em ser apenas dois casais amigos porque já fazia tempo que o grau de intimidade ultrapassara essa classificação. Não podíamos simplesmente nos separar porque já estávamos por demais acostumados uns com os outros. Por fim, não podíamos fingir que nada estava acontecendo, porque não ia funcionar. Para aqueles que acreditam que o amor só é possível a dois e é um sentimento exclusivista, argumento que nos tornamos extremamente exclusivos em nossa relação a quatro. Nosso mundo social passou a se resumir ao nosso apartamento, as redondezas e aos locais onde costumávamos ir.

Não quero, de maneira nenhuma, figurar de santo da situação, mas não foi eu e, por sinal, também não foi Gustavo quem começou tal prática. Valéria e Andréia estavam dançando bêbadas quando eu cheguei em casa e daí tudo surgiu. Pode-se, sempre, afirmar que o que elas fizeram foi simplesmente fazer o que todos nós inconscientemente já desejávamos, como no ditado que diz: “a sociedade comete os crimes, os criminosos apenas os executam”, mas sinceramente não consigo “inocentá-las” do que ocorreu. Aliás, se formos retroceder mais ainda, veremos que primeiro Andréia se insinuou para mim e depois foi a vez de Valéria fazer o mesmo

com Gustavo. Podíamos ter rejeitado-as? Qual o homem que resiste a tentação? E ademais, sabemos do que uma mulher é capaz quando quer transar. Isso não tem nada ver com machismo, apenas coloco um fato que até mesmo as próprias mulheres admitem: Um homem com desejo sexual pode não conseguir o que quer, mas uma mulher nessa situação certamente vai atingir seu objetivo. As mais dissimuladas poderão até dizer que isso só acontece porque sempre tem um homem disponível, mas isso não quer dizer nada, o fato é:elas querem, elas conseguem e ponto final.

Hariel, Héliida e a contenda

.

Veza por outra me via envolvido naquela contenda... Nada parecia afastar-me daquilo. Não me lembro de coisa nenhuma assemelhada em minha vida. Afinal, tinha tomado a decisão...

-- O açúcar, por favor.

-- Aqui está. Prontinho, Hariel.

-- Obrigado.

O café era requeentado e o ambiente, uma mistura de arte decó mal planejado ou mal "plagiado" de algum outro lugar e uma atmosfera de anos 1920 com ventiladores de teto e, bem, todas as fotografias de época. Numa delas se via um dirigível, alçando

vôo. Noutra uma sefiora requisitava um jornal ao vendedor de jornais que gritava no meio da rua: últimas notícias! Últimas notícias!

Nesse ínterim, me vi enevoadado por idéias muitas, dentre elas, a de que seria possível alcançar meus objetivos de modo mais rápido, caso pudesse sabor de antemão, a extensão de meus novos encantamentos.

É claro, eu sabia, naquele momento, naquele singular momento, estaria totalmente fora de questão, uma abordagem a meus mestres da magia.

Por injustiça, por ingratidão, por desespero ou por cobiça de conhecimento mesmo (avareza financeira não passava pela minha cabeça naquele instante) não aventava aquela possibilidade.

A contenda, em questão, tratava-se de minha decisão a respeito de tornar-me um magista, servo de Nosso Senhor . Embora eu soubesse que esse caminho beirava a loucura ou a irresponsabilidade mesmo, como atestariam alguns e a desfaçatez e a heresia de acordo com outros...

Saí da lanchonete como quem sai de um inferno, tal era a profusão de pessoas desrazoadas em volta das mesinhas pré-moldadas, por assim dizer e das cores do ambiente interno com sua disposição equilibradamente eficaz; pronta a nos aconchegar, quando chegamos e correta, em nos colocar para fora, quando estamos por sair do lugar.

Não que eu estivesse reclamando, mas aquela eficácia era, de qualquer modo, razão prá me afastar de forma definitiva do meu hábito de freqüentar a lanchonete.

Por várias vezes estive por falar com Héliida a respeito daquela minha antiga vontade de me casar. Ela, é claro, não tinha intenção de se casar comigo, nem com ninguém mais, diga-se de passagem.

O certo é que a vontade vinha e eu tinha tomado a decisão. Ah! A decisão! Sempre a decisão...

Joana, a filha do Universo

Capítulo I

A casa dos avós era realmente uma novidade para Joana. A menina segurava a cortina da sala e mordida os lábios, curiosa que estava com o que havia por de trás da peça de tecido. A janela mostrava o quintal e poucas vezes ela tinha permissão para ir lá. Podia sujar-se; era o que os avós diziam. Um filete de raio de sol entrava pela abertura que a menina deixava através da janela e fazia um contraste bonito com as sombras do cômodo. Era uma sala atapetada e com expressivos quadros de paisagem na parede. Os móveis corretamente colocados, tinham uma disposição equilibrada e inspiravam harmonia.

A casa era muito grande e isso a deixava definitivamente atraente para a menina. Ela queria conhecer cada canto, cada cômodo, sem exceção. Tinha feito até um desenho do domicílio e mostrado para todo mundo. Havia motivos muito sérios para que elas tivessem saído da antiga casa em Niterói e vindo para São Gonçalo com os avós, mas Joana não entendia muito bem do que se tratava. “Os vizinhos falavam muito” era o que dizia a mãe de Joana, Dona Cátia.

Joana saiu da sala e se dirigiu para a varanda onde encontrou o gatinho Rebolo na janela cuja vista era o quintal da frente da casa. Como a casa tinha dois andares e ela estava no segundo podia-se também ver o quintal das casas vizinhas, do lado esquerdo. Joana imaginou por um momento que Rebolo pudesse estar espionando a casa dos outros e passou-lhe um senhor sermão, assegurando-lhe que se repetisse novamente a empreitada, a repreensão não seria apenas verbal, ele levaria umas boas lamboradas para deixar de ser encherido. Certamente que depois de ver e ouvir o movimento da casa dos outros, iria contar tudo para os outros gatos e gatas da “comunidade felina” do bairro, como bom fofoqueiro que era, e isso não era coisa bonita de se fazer.

Arrastou uma cadeira até a janela e subiu para ver melhor o movimento da casa da vizinha. É claro que a proibição de ver o que se passava nas outras casas só se aplicava a Rebolo e não à ela mesma. A essa altura o gato já tinha desistido da janela e se aquietava num canto da área próximo da porta que dava para o térreo. Estrategicamente colocado para receber o vento que vinha da escada, Rebolo podia também observar os movimentos da menina que se espichava para perceber Dona Amélia, a vizinha, andando de um lado para o outro com uma balde d'água. Várias vezes faltava água nas redondezas e quem podia pegava água em poços artesianos. Não que Rebolo se importasse com as manias de Joana, mas em seu pequeno cérebro animal não admitia que o retirassem de seu canto, de forma tão abrupta. Cansou de olhar a cena e desceu para o térreo atravessando a fresta da porta semi-aberta.

Enquanto isso, Joana abandonou a cadeira e subiu no parapeito da janela agarrando-se as grades da mesma. Com esse movimento, arrastou a cadeira para longe e condenou-se a ter que pular quando fosse descer. Só não esperava que tivesse que ser tão cedo porque logo depois ouvia a voz de sua mãe, chamando. Não queria de maneira nenhuma deixar Cátia

preocupada e com um pulo desceu da janela, escorregando e caindo de bunda no chão.

Chorou um bocado antes de se dar conta que Rebolo não estava mais na área, o que chamou a sua atenção e a levou a esquecer a dor da queda. Correu então até o quarto da mãe.

Quando chegou, encontrou-a na cama enrolada na coberta com vários travesseiros em volta. Cátia tinha, nos últimos tempos, o ar das mães corujas que não queriam que faltasse nada para a filha. Joana sabia que era apenas uma compensação que a mãe queria conceder à Joana por não poder mais dar tanta atenção de verdade, nem conceder tantos cuidados à menina. Ao que a menina retribuía com todo o carinho que uma menina de 6 anos pode ter com alguém querido. Trazia o café, o almoço e a janta numa bandeja para Cátia todos os dias desde que ela estava acamada.

--- Porque está chorando, minha querida?

--- Eu caí.

--- Ah, tadinha. Atchim! Essa gripe está horrível. --- disse Cátia se inclinando para espirrar.

---- Saúde.

--- Obrigada. Filha, venha aqui. --- falou a mãe ternamente, acariciando os cabelos negros e olhando profundamente nos olhos castanho claros da filha. ---

Quando a mamãe diz para não fazer uma coisa você não faz, não é?

--- É.

--- E quando a vovó pede para você fazer alguma coisa, você obedece, não é?

--- É.

--- A mamãe vai ter viajar para um lugar muito longe e deixar você sozinha com a vovó e o vovô durante algum tempo.

--- Você vai demorar?

--- Talvez demore muito tempo. Durante esse tempo eu quero que a Joana obedeça a vovó como obedece a mamãe, tá bom?

--- Tá. Só que eu quero ir ver você lá onde você vai.

--- Depois a gente conversa sobre isso. Pega um lenço para mim no guarda-roupa, pega.

--- Tá.

Joana abriu a porta do guarda-roupa e retirou pequeno lenço bege dobrado e passado com o esmero que só a experiência de quem é mãe duas vezes pode ter. Dona Ana deixara a casa um brinco quando soube que a filha vinha com a neta. Joana não se importava de cuidar da mãe, aliás tinha acostumado-se a idéia de que agora ela precisava de atenção e por vezes tentava

trocar de lugar, assumindo o cargo de mãe e colocando Cátia como sua filha.

Uma filha cuja mãe é mais nova! Não gostava absolutamente de brincar com bonecas, mas gostava muito de cuidar tanto de pessoas quanto de animais, por isso sua avó havia dito que quando crescesse poderia ser médica, assistente social ou veterinária.

Joana passava horas sozinha no seu quarto lendo histórias em livros infantis de uma coleção que tinham em casa. Ela gostava muito de um que relia sempre que dava vontade. Era a história de uma menina que entrava no mundo do espelho e passava a conhecer tudo o que existia por lá. Essa menina encontrava muitos personagens engraçados com os quais era difícil dialogar e se fazer entender. Muitas vezes acontecia também com Joana essa falta de entendimento com os adultos. Às vezes era difícil explicar para a mãe que Rebolo estava elaborando planos com outros gatos da vizinhança para assaltar a geladeira e a despensa da cozinha. A mãe custava a acreditar nessas idéias e aí Joana encontrava abrigo na compreensão afetuosa do pai que sempre parecia levar a sério o que ela dizia. Ultimamente não podia mais fazer isso porque Pedro e Cátia tinham se separado e

Joana não via mais o pai há um bom tempo. A mãe dizia que ele só pensava em si mesmo e que por isso fora viver sozinho.

Joana pensava em muita coisa de uma vez só e sabia que isso não fazia bem para a cabeça como tinha ensinado a vó, mas ela não podia evitar. Pensava agora como poderia fazer para acompanhar a mãe na viagem que ela faria. Pensou, pensou e depois de um longo tempo, decidiu. Iria se transformar numa joaninha, entrar na bolsa da mãe e assim passar despercebida. Quando procurassem por ela, nem desconfiariam que lá estaria Joana, perto da mãe, ouvindo e vendo tudo o que acontecia pelos olhos e ouvidos de inseto.

Capítulo II

Joana encolheu-se toda e enquanto se encolhia, mentalizava uma joaninha com suas patinhas e seu corpo redondo, vermelho, cheio de manchinhas pretas. Durante algum tempo nada aconteceu, mas depois o corpo de Joana começou a mudar ao mesmo tempo que seus braços e pernas também ficavam

diferentes. Ela estava mesmo se transformando num inseto. Depois de alguma angústia inicial --- afinal, não é nem um pouco agradável ver crescerem patas pelo abdômen por exemplo --- a transmutação estava completa e ela começou a rastejar pelo chão frio da cozinha.

De onde estava podia ver os eletrodomésticos, como a geladeira de um ângulo bem distinto do que estava acostumada, de baixo para cima, mas bem de baixo mesmo. Rastejava cada milímetro com uma sofreguidão só. Seu “instinto” a levava para o quintal, para perto das plantas. Lá chegando pôde vislumbrar a grandiosidade das árvores, a tenacidade dos passarinhos que catavam migalhas enquanto estavam no chão, a impetuosidade das formigas, a suavidade do vento, a textura da terra, tudo enfim, pôde ver e sobretudo sentir.

Começou a perceber as coisas mais próximas de si, como uma pedra que mais parecia uma montanha --- dado o tamanho da menina, ou melhor, da joaninha ---, uma folha caída no chão, arrancada que foi do galho pela ação do vento, a raiz de uma árvore que apresenta sua copa perto dali e um pedacinho de mato. Além disso tudo, uma fila enorme de formigas andava de um lado para o outro carregando pedaços de folhas com 5 vezes o tamanho delas próprias.

--- Porque estão tão apressadas? --- Joana perguntou.

--- Temos que cumprir o turno da manhã. --- respondeu uma formiga apressada.

--- Depois teremos que cumprir o turno da tarde. Não podemos perder tempo. --- emendou outra mais apressada ainda.

Ela aproximou-se novamente com suas patinhas mínimas e perguntou educadamente.

--- Por acaso vocês viram alguma joaninha por aqui?

--- Estamos diante de uma agora mesmo.

--- Digo, além de mim, vocês viram alguma outra joaninha?

--- Estamos muito ocupadas. Com licença.

As formigas estavam tão concentradas no próprio trabalho que mal podiam perceber quem estava à volta delas e Joana também não estava mais querendo conversar com elas porque previa que a comunicação seria muito difícil com toda aquela ocupação. Gostaria de saber quando encontraria outro espécime de sua própria espécie, pois previa que poderia conversar melhor.

Estava nesse intuito quando de repente sua avó a chamou. A menina teve que se destransformar às pressas e como não teve tempo de desembaraçar o

cabelo nem de se aprumar direito, Dona Ana estranhou aquela desarrumação toda.

--- O que é que a senhorita está fazendo aqui no quintal e porque é que está assim tão desgrenhada?

--- Eu estava conversando com umas formigas aqui embaixo.

--- É mesmo? E o que elas te disseram? --- disse Dona Carmélia levando a menina pelo braço para fora do quintal e para dentro de casa.

--- Elas estavam muito ocupadas.

--- Todos estamos muito ocupados. Até as formigas. Agora vamos até a sala que mamãe quer se despedir de você.

--- A mamãe vai viajar agora?

-- Vai. Ela tem que ir ver umas pessoas.

Joana acompanhou Dona Ana até a sala onde se encontrou com o avô que esperava Cátia se arrumar. Os dois conversaram muito antes que a mãe da menina ficasse pronta. Seu Euzébio falou sobre os tempos em que era mais novo e de como era mais fácil naquele tempo confiar na boa vontade dos outros. Queixou-se sobre os tempos modernos como sempre fazia, resmungando a respeito das notícias do último jornal.

Por fim, como Joana não falou nada, ele acabou perguntando a ela se costumava brincar de

casinha e de boneca. Joana desconversou e disse que já era muito mocinha para brincar dessas coisas; na verdade o que ela queria mesmo era um momento sozinha para poder se transformar em joaninha e entrar na bolsa da mãe sem que ninguém percebesse. Teve finalmente esse momento quando o avô foi chamado por Dona Ana ao quarto de Cátia. Fez uma força enorme com pés e as mãos para que elas se juntassem ao resto do corpo e assim formasse a carapaça da joaninha, mas de nada adiantou. Pulou, dançou, requebrou, fez de tudo mas nada fazia com que ela voltasse ao estado de inseto.

Como não conseguisse se transformar de novo, elaborou um plano mais engenhoso e foi até o gato Rebolo tentando convencê-lo a passar para o seu lado. O bichano não pareceu muito interessado naquela história e olhava de um lado para o outro como se dissesse: “Isso não vai acabar bem.” Joana não desistiu e agarrou o gato pelas costas, mandando que se transformasse num cachorro perdigueiro daqueles que tem o faro melhor que a visão para guardar o cheiro de Cátia. O gato, muito contrariado, miou o quanto pode reclamando do que teria que fazer, praticamente trair a própria raça e passar para o lado adversário, o dos cães. Miou muito, mas Joana não largava a mão de uma idéia enquanto não conseguia o

que queria. Por fim, o gato esmoreceu e resolveu aceitar a ordem da dona. Afinal de contas, achou que não seria tão ruim assim. A experiência como cão o ajudaria a pensar melhor sobre o espírito canino e talvez com essa mudança poderia entender melhor o inimigo e assim ludibriá-lo mais facilmente. De um angorá branquinho com algumas manchas marrons transformou-se num pastor alemão manto negro com farto pelo e apuradíssimo faro. Com essa mudança precisava de um novo nome e Joana tratou de encontrar um que lembrasse o antigo mas que fosse mais adequado a um cão. Pensou bastante e por fim, resolveu, seria Ribelo.

Quando sua mãe chegou, Joana estava sentada na cadeira da sala com Ribelo do lado. Vendoa com as malas prontas para ir, ela correu de encontro a Cátia já com lágrimas nos olhos. A mãe, segurou-a firme e embora estivesse um tanto quanto debilitada, abraçou-a, levantando-a durante algum tempo para que parasse de choramingar. Explicou então que tinha que ir ver umas pessoas que moravam muito distante de São Gonçalo e que por isso as duas não se veriam durante algum tempo. Depois colocou-a no chão e abaixando-se ligeiramente entregou-a a seus avós, dizendo ternamente para que confiasse na mamãe e para que rezasse para Deus todos os dias. A menina

concordou com a cabeça enchugando as lágrimas dos olhos. Os avós e Cátia passaram a conversar assuntos “adultos”, como Joana costumava chamar, e ela lembrou-se de executar o plano que tinha engendrado. Saiu de perto da avó que a segurava, e foi procurar Ribelo. Achou-o numa atitude tipicamente canina, a língua para fora, mijando, apoiado em três patas, com uma levantada. Repreendeu-o por fazer aquilo dentro de casa e como não tinha muito tempo, pegou pelas ancas, como se fosse o gato que tinha sido e o colocou perto das bolsas da mãe para que farejasse o cheiro dela e de suas coisas. Ribelo teve que trabalhar rápido porque logo depois a mãe já estava de saída, despedindo-se. Depois, numa conversa íntima, o cão afirmou a Joana que decididamente tinha gravado o cheiro de Cátia.

Capítulo III

Joana estava decidida a encontrar sua mãe na base do “custe o que custar” e para isso engendrou um plano junto com Ribelo. Se tudo corresse bem, os dois estariam seguindo a pista da mãe logo que surgisse

uma oportunidade. Primeiro deveriam esperar um momento no qual os avós se distraíssem para poder sair de casa e encontrar a mãe através do faro de Ribelo.

O problema todo era convencer o bicho que ele deveria se portar como um verdadeiro pastor alemão. No começo parecia que tudo ia bem e o jovem cão parecia entender o real significado da sua nova posição como animal, no entanto com o passar dos dias, passou a ter recaídas e vez ou outra ia atrás da gata siamesa da vizinha, pulando muros e miando alto como um autêntico angorá.

A avó da menina dizia que aquilo era muito normal e que até os bichos conheciam o amor de vez em quando. Na verdade Rebolo vivia um verdadeiro conflito interior. Não queria desobedecer Joana e voltar a ser um felino, mas por mais que tentasse não conseguia transformar-se de novo num cachorro e de mais a mais, seu instinto o levava para junto de Tamara, a gata da vizinha.

A menina percebia toda essa confusão na pobre cabecinha do animal, mas não voltava atrás na decisão de ter um Ribelo nem que tivesse que matar o Rebolo que persistia em tomar o lugar de Ribelo. Assim, Rebolo, ou melhor, Ribelo iria surgir definitivamente.

Um dia a menina desatou a rir do gato-cachorro que tinha comportamentos caninos e felinos ao mesmo tempo: latia e ronronava de forma ininterrupta, mostrando-se ora um garboso cão defensor dos donos da casa, ora um gatinho manhoso e sapeca que passeava por todos os cantos da residência.

--- O que é isso que você está fazendo com o gato, Joana? -- perguntou aturdido o avô, ao ver a menina segurando o rabo do bichano, sacudindo-o de um lado para o outro.

--- Estou ensinando o Ribelo a ser um bom cachorro. Ele tem que balançar o rabo quando está gostando de alguma coisa.

--- Cachorro?

--- É vô. O Ribelo agora é um cachorro.

--- Que é isso menina? Não faz isso não. Larga o rabo do bicho.

--- Ele tem que aprender.

-- Vem cá. Me responde uma coisa: o cachorro balança o rabo ou o rabo balança o cachorro?

--- Isso depende.

--- Depende de que?

-- Depende do tamanho do rabo e do tamanho do cachorro. Mas pra dizer a verdade não entendi muito bem essa pergunta. Como é que o rabo vai balançar o cachorro?

--- Você é uma menina muito esperta. Eu quis que você percebesse que depois de um certo tempo fazendo determinada coisa, todos nós fazemo-la automaticamente, de forma que o que está sendo feito não está mais sendo feito por nós, mas a coisa é que nos faz. Entendeu?

--- Mais ou menos. O que eu quero saber mesmo é quando vou poder falar com a mamãe.

--- Logo, logo, minha querida. Sabe, eu tenho que te contar uma coisa. A sua mãe está muito doente e ...

--- Euzébio. Está dando com a língua nos dentes? -- Disse Dona Ana que acabava de chegar na sala.

Joana achou muito engraçada a expressão da avó e passou a morder, de leve, a língua, experimentando na prática, o que seria “dar com a língua nos dentes”.

Achando que seria falta de educação, não ousou perguntar mais sobre a doença da mãe. Seus avós também não tocaram mais no assunto e passaram instantaneamente a falar sobre “assuntos adultos” que a menina não entendia muito bem. Joana sabia que se falasse sobre aquilo, os avós iriam dar-lhe um sermão sobre educação e a falta dela e não quis perder tempo com essas questões.

O que a menina queria mesmo era que Rebolo entendesse que agora era Ribelo. Pegou o gato pelo cocuruto e esfregou-lhe na cara fotos de várias raças de cão de uma revista sobre cães para que ele escolhesse qual delas seria. Mostrou-lhe o afghan hound, um cão bem peludo usado para caça no Oriente, o pointer alemão que tem um pêlo curto, o norfolk terrier, uma raça usada como companhia, o labrador, o poodle e até o labradoodle, mestiço de labrador com poodle. Tudo em vão. O gato estava resoluto em sua decisão de continuar como gato.

Por fim, Joana desistiu da idéia de transformar Rebolo e resolveu que teria que ela mesma se transformar para encontrar a mãe. Imaginou que poderia se tornar uma joaninha novamente para se esconder em algum canto e ouvir toda a conversa dos avós sobre Cátia e assim descobrir onde ela estava.

Estava assim já com perninhas e algum começo de caraçapa quando sua avó veio lhe dizer que Cátia estava no telefone querendo falar com sua filha. Ela foi correndo, toda alegre até o aparelho.

--- Oi mamãe.

--- Oi, minha querida. Como está a filhinha da mamãe?

--- Estou bem.

--- Está brincando muito?

--- Estou. Mamãe, eu tô me transformando em joaninha e vou encontrar com você.

--- Olha só querida, a mamãe está muito doente. Estou com uma doença que é muito difícil de curar e por isso eu tenho que ficar no hospital longe de vocês. Mas... quando eu estiver melhor eu volto para a gente ficar junto de novo.

--- Quando é que você vai ficar boa?

--- Quando Deus quiser, minha filha.

--- E se Deus não quiser?

--- Ah, Ele vai querer sim, Joana. É só... você ter fé.

Nesse ponto da conversa, Cátia começou a chorar, não pôde conversar mais com Joana e pediu para passar o telefone de volta para a sua avó. Depois Dona Carmélia e Seu Euzébio tentaram explicar para Joana que não podiam ter dito a ela sobre a doença da mãe porque isso a afetaria muito. Se a própria Cátia resolvesse dizer, então estava feito. Mas falavam para ela não se preocupar que ela logo ficaria boa. O que a menina intuía que não era lá muito verdade, mas o que eles queriam que fosse verdade.

Joana achou que não adiantava só ficar preocupada e passou a imaginar que poderia ajudar a mãe de alguma forma. Pensou em dizer ao pai que a levasse para ir vê-la quando ele aparecesse, já que os

avôs não iam levá-la mesmo que ela pedisse. Mas seu pai há muito não vinha visitá-la, pois viajava muito por conta do trabalho.

Era verão e Joana apro-veitava a brisa da manhã e banho de sol que naquela hora fazia muito bem porque “os raios ultra-violeta provenientes do efeito estufa ainda não estavam no ar” como disse no noticiário da TV que ela assistira outro dia. A garota respirava profundamente o ar ainda não muito poluído do quintal e girava em torno do tronco de um abacateiro, segurando-o com as duas mãos. Girou umas quinze vezes e depois mais quinze. Girou tanto que sua saia ficava levantada. Mas não tinha importância, não tinha ninguém vendo. Girou mais umas vinte vezes. Girou tanto que achou que poderia voar se largasse do caule do abacateiro. Então largou. Qual não foi sua surpresa quando viu o mundo inteiro à sua volta rodar. Estava tonta de tanto rodar em volta da árvore. Ao invés dela própria girar, era o mundo que girava naquele momento e até teve vontade de vomitar, o que quase aconteceu. Sentou-se no chão e esperou passar a tonteira. Quando levantou notou que seus braços eram asas e que ela era agora um passarinho.

Capítulo IV

Joana tinha estado prestes a deixar de lado a idéia de encontrar a mãe, mas dessa vez o sucesso da sua empreitada estava praticamente assegurado. Afinal, ela podia voar e isso era melhor do que qualquer plano como joaninha ou mesmo contar com o faro de um gato-cachorro.

Tomou fôlego, aprumou-se e começou a bater suas asas de gaivota. Foi um pouco difícil manter-se no ar nas primeiras tentativas, mas logo pegou o jeito e pôde voar pelo quintal com alguma desenvoltura. Observou que se seguisse as correntes de ar, poderia simplesmente planar ao invés de fazer força e passou a deslizar pelo espaço aéreo do quintal. Gostou tanto que procurar a mãe não parecia mais tão importante assim. Ela queria era explorar os recantos do espaço e com o tempo percebeu que poderia voar para outros lugares além do quintal da casa dos avós e passou a seguir um grupo de gaivotas que por ali passava. Junto com elas, rodopiou por todo o bairro, passando por cima da casa dos vizinhos, por cima das ruas, das estradas, das lojas, sem conhecer fronteiras. Numa dessas revoadas, se meteu por dentro dos galhos da copa de uma árvore junto com a passarinhada toda que

cantava sem parar. De repente encontrou-se dentro dos galhos e viu uma gaiola com uma gaivota dentro.

--- Que bom que você chegou. -- disse a gaivota presa.

--- Quem é você?

--- Eu sou uma gaivota como você. Estou esperando alguém que me tire daqui.

--- Eu posso tirar você daí. Mas quem foi que te prendeu aí dentro?

--- Há muito tempo aconteceu comigo o mesmo que acaba de acontecer com você. Eu estava voando com a passarada e de repente entrei por entre esses galhos da árvore. Encontrei umas migalhinhas de pão e fui comer, mas qual não foi minha surpresa quando descobri que era uma amardilha do bicho homem.

---- Quanto tempo tem isso?

---- Tem seis dias.

---- Nossa! E você ficou aqui esse tempo todo?

---- Estou aqui até hoje. Mas agora você pode me libertar.

Joana se transformou em menina novamente e com alguma dificuldade se equilibrou na copa da árvore. Tirou a gaiola do lugar e a nova amiga pôde sair voando.

Depois ela se transformou de novo numa gaivota e seguiu a ex-prisioneira; logo também estava

fora da copa da árvore. Como a amiga estava desacostumada com o vôo em céu aberto, vôou bem alto, o mais alto que pôde, queria experimentar ao máximo a sua liberdade. Chegou até aonde o ar era rarefeito. Joana não conseguiu acompanhá-la e foi observando a gaivota ficando cada vez mais distante. Até que ela desapareceu e nunca mais a menina a viu.

Joana ficou muito triste com a partida da amiga e não quis nem voar mais com o resto dos pássaros nem ir atrás da mãe. Quis então voltar para a casa dos avós mas percebeu que estava num parque da cidade que era bem distante de casa. Decidiu que quando a passarinhada voasse por perto da casa, ela os deixaria e voltaria a ser uma menina. E assim o fez.

Quando chegou os avós deram-lhe um senhor sermão. Ela tinha passado duas horas sozinha na rua! Eles tinham ficado muito preocupados e decidiram deixá-la de castigo sem televisão e sem videogame. Por causa disso ficou um bocado triste, uma tristezazinha chata e insistente. Não queria mais comer e nem tomar banho. Depois de certo tempo, ela até tinha esquecido da partida da gaivota ou da doença da mãe e ficava emburrada só porque se acostumara a estar assim. Seu avô conversava com ela, sempre que podia, tentando animá-la a ficar mais alegre. Um dia, ele veio com uma novidade.

--- Eu tenho uma surpresa para você, Joana.

--- O que é?

--- Eu só conto se você prometer ficar mais alegre.

--- Tá bom. Eu prometo.

--- Olha lá hein? Trato é trato.

--- Conta. O que é?

--- O seu pai vem te ver.

Os olhos da menina se encheram de alegria e ela imediatamente perguntou quando seria a visita. Seu avô respondeu que seria logo e a partir de então, Joana voltou a ser ela mesma de novo. Estava feliz e animada. Seu pai só viria na semana que vem, mas a menina não se continha em si; queria saber quanto tempo demoraria para Pedro aparecer.

--- Vó, quando é que papai vem?

--- Logo, minha filha, logo. Só faltam três dias.

--- Três dias passam rápido, não é?

--- Passam, passam. Não fique ansiosa.

Quando chegou o dia do encontro, Joana estava sentada no sofá da sala brincando com duas bonequinhas de pano de que gostava muito. Viu Pedro na entrada da porta da sala e correu de encontro a ele. Os dois se abraçaram de forma contagiante.

--- Como está a menininha do papai?

--- Estou bem. Papai, porque voce não vem morar aqui comigo, o vovô e a vovó?

--- Eu não posso, querida. Moro longe daqui e meu trabalho também é longe daqui.

--- Eu estou com um vestido novo, olha. A mamãe comprou pra mim.

--- Que bonito.

Pedro então pegou na mão de Joana e juntos foram passear pela vizinhança. Conversaram bastante sobre muitos assuntos. Pedro trabalhava com homeopatia e sabia como ninguém os segredos das plantas. Ensinou a ela que as plantas eram os seres mais úteis para o homem que se conhece. Com elas, pode-se fazer muitos remédios naturais tais como chás e óleos medicinais, além é claro, das frutas e verduras que servem para nossa alimentação e finalmente, da sombra que a copa das árvores altas nos proporcionam. Falou das folhas e flores do Girassol que pode ser utilizado para tratar doenças pulmonares e afecções da garganta. Falou das folhas e ramos jovens da laranjeira-amarga que produzem uma essência muito aromática e uma infusão sedativa indicada para pessoas nervosas. Joana ouviu toda a explicação muito atentamente e ao final quis saber se as plantas podiam curar sua mãe.

--- Não sei se existe cura para doença da mamãe. --- disse Pedro. --- Mas se existir, certamente que a natureza poderá mostrar uma saída.

Depois Pedro colocou Joana no carro e foram juntos para um parque um pouco mais distante da casa dos avós o mesmo parque que Joana tinha ido com o passarinho. Joana brincou bastante nos balanços e no escorrega. No final da tarde quando já começava a escurecer, os dois voltaram para casa. Assim que chegaram, ela e o pai foram jogar videogame que o castigo já tinha acabado ela estava com muita vontade de brincar. Então a menina fez uma pergunta.

--- Como posso descobrir um mistério?

--- Que mistério? -- disse o pai.

--- O mistério da cura da minha mãe. Se é uma doença muito difícil de curar é porque é um mistério para a medicina.

Daí Pedro resolveu esclarecer a menina de uma vez por todas sobre o que estava acontecendo, mesmo indo contra o que Dona Ana e a mãe queriam. Afinal aquilo já estava se arrastando demais; Joana tinha seus 6 anos de idade e poderia entender certas coisas sem maiores problemas.

--- Isso é mesmo um mistério, Joana. Porque a sua mãe tem uma doença incurável: A Aids. A pessoa que tem essa doença não morre exatamente de Aids,

morre porque não tem defesas contra outras doenças. Mas não se preocupe com isso, o que quer que aconteça com a sua mãe vai ser como Deus quiser.

Joana então parou de brincar com o videogame e se calou, amuada num canto. O pai não quis perturbá-la e a deixou sozinha na sala. Ela pegou um livro infantil que falava da caça a uma baleia e começou a lê-lo, intretida com o assunto. O livro tinha figuras bem interessantes das profundezas do oceano e de uma grande embarcação que vivia perseguindo o mamífero marinho.

A menina adormeceu com o livro entre as mãos e sonhou que estava no alto-mar. Ela era uma baleia e fugia de um capitão que a caçava com seu navio.

Capítulo V

Ela nadava como nunca para fugir dos que a perseguiam. Passava por uma infinidade de peixes tentando viajar a velocidades cada vez maiores. De vez em quando tinha que subir à superfície para fazer uso de seu orifício respiratório no alto da cabeça e aí a localizavam. Mesmo assim, a certa altura, ficando um tempo maior embaixo d'água, conseguiu despistar a

embarcação. Tomou fôlego para continuar sua jornada pelos mares e olhou em volta para ver se tinha algum sinal do navio. Como avistou-o bem distante quase um pontinho ao longe, ficou mais tranqüila.

O sol já estava se pondo e ela pôde ver os seus raios refletidos na água, formando um bonito filete de luz, na linha do horizonte. Olhou de novo em direção ao navio e percebeu uma movimentação de pontinhos menores em torno do ponto maior. Ficou imaginando que poderiam ser pequenos barcos saindo da baleeira. Ela notou que o ponto maior parecia ficar menor à medida que o tempo passava e os pontinhos menores se tornavam numerosos.

A curiosidade tomou conta da baleia-menina e ela quis aproximar-se para ver o que acontecia. Quando chegou mais perto teve um fiozinho de contentamento. A embarcação estava afundando e os homens fugiam em pequenos barcos. Era bem feito. Quem mandou, caçar pobres baleias como ela?

Quando o navio acabou de afundar ela foi até as profundezas para ver de perto aquele monstro construído pelo homem que perseguia mamíferos marinhos indefesos. Naquele momento a embarcação não ia causar mais nenhum mal a ninguém, estava fora de combate e ela achou que poderia descobrir o porquê do naufrágio aproximando-se da carcaça submersa.

Olhando em volta viu um grande buraco logo abaixo da proa que lhe chamou a atenção. O que poderia ter causado aquele estrago todo? O desgaste do tempo? Não, isso não podia ser. O buraco parecia ter sido feito de uma vez só com uma explosão talvez.

A resposta para aquele mistério pareceu literalmente se descortinar ante os olhos da baleia-menina quando ela sentiu uma vibração na corrente oceânica e se voltou para o outro lado a fim de ver o que era. Um grande submarino azul escuro passou por ela, na couraça pôde ler a inscrição "Nautilus".

Provavelmente o capitão Nemo está lá dentro e foi ele quem afundou a baleeira. -- pensou Joana, acordando do sonho. Foi devagarinho se espreguiçando e abrindo um bocão de bocejo. Tinha dormido mas ainda estava com sono.

Guardou o livro que estava nos seus braços enquanto dormia e pôs-se a ruminar sobre o destino da mãe. O que aconteceria se não encontrassem uma cura? Ela morreria, certamente. E aí iria para onde? Para o céu? Para o inferno? Ou viraria uma alma errante, assombrando os vivos? Aquelas perguntas a inquietavam, mas logo em seguida ela achou que não deveria nem pensar sobre isso, afinal a mãe estava viva e tinha chance de continuar assim; pensar sobre a

possibilidade da morte dela era mau agouro e a garotinha devia evitar aquilo.

--- Vovó, me diz uma coisa: Como é que se pode parar de pensar numa coisa quando a gente não quer pensar? --- perguntou à Dona Carmélia quando ela estava na cozinha limpando camarões para o jantar.

--- A gente se distrai, Joana. Vai ver um filme, ler um livro. Mas no que é que você não quer pensar?

--- Nada não. Só umas coisas aí.

--- Não pode falar o que é?

--- Se eu falar eu penso, vó.

--- Tá bom. Então não fala.

--- Eu queria...

--- O que? O que você quer?

--- Eu queria ser uma baleia para viajar pelo oceano.

--- Baleias são cetáceos mara-vilhosos.

--- Cetáceos?

--- Sim. Os golfinhos e os botos também são. Eles tem os membros anteriores como nadadeiras e não tem os posteriores. Todos eles têm orifícios respiratórios no alto da cabeça.

--- Hum... Como é que você sabe tudo isso, vó? -- perguntou a menina interessada no assunto.

--- Eu já vivi muito, Joana. Quer me ajudar a limpar os camarões?

--- Quero.

--- Você pega e tira a cabeça, depois com a faca vai tirando essa casca dele.

--- Camarões são muito gostosos.

--- Vai ficar mais gostoso ainda com o tempero que eu vou colocar. -- disse Dona Carmélia sorrindo para Joana.

--- Meu pai disse que é errado comer carne.

--- Isso é porque ele é vegetariano. Mais não se importe com isso. Cada um tem suas escolhas na vida.

--- É. Só o camarão que não teve escolha.

Dona Carmélia não quis continuar a conversa. Sabia que a garotinha tinha tendências contestatórias bem grandes e não queria reprimi-la, para não acentuar essas tendências. "Lidar com uma futura adolescente rebelde não é muito bom." --- Pensava ela.

Joana acabou de ajudar sua avó com os camarões e foi logo se metendo embaixo das cobertas no seu quarto. Queria sonhar de novo que era uma baleia e estava no mar. Fechou os olhos, ficou quietinha num canto, mas nada do sono vir. Pedro então veio conversar com ela para ajudá-la a dormir. Explicou que no dia seguinte quando ela acordasse, ele já teria ido embora, mas que qualquer dia voltaria para levá-la ao parque de novo.

--- Não vai comer os camarões da sua avó?

--- Não estou com fome. Além do mais, você disse que não se deve comer carne.

--- Mas não leve isso muito a sério. Quando você ficar maior, vai poder decidir se quer ou não adotar a dieta vegetariana.

-- Tá bom.

--- Boa noite.

--- Boa noite.

Satisfeita com a conversa, Joana conseguiu dormir logo depois. Sentiu um arrepio na barriga quando se viu novamente no mar às voltas com a embarcação afundada; era emocionante estar de volta na mesma situação. Mas agora não era mais uma baleeira o que estava diante dos seus olhos, mas um navio pirata e dentro dele quem sabe não haveria tesouros escondidos, pensava ela. Circundou a carcaça à procura de um sinal de ouro ou prata, depois achou muita graça naquilo: uma baleia procurar por ouro. Afinal o que uma baleia-menina poderia fazer com ouro? Mesmo assim, resolveu continuar procurando em volta, talvez pudesse comprar a paz com as baleeiras trocando o ouro por sua liberdade. Era uma boa idéia.

Depois de longa busca, achou um pequeno baú -- pequeno para as suas atuais proporções de baleia --

e pôs-se a tentar abri-lo para ver o que tinha dentro. Com as nadadeiras tentava em vão quebrar o cadeado. Do jeito que estava seria impossível ver o conteúdo do baú, mas de repente compreendeu que poderia pedir ajuda a um tubarão martelo que por ali passava.

--- O senhor poderia quebrar esse cadeado com o seu martelo, senhor tubarão martelo?

--- Pois não, senhora baleia.

Quando abriu o baú qual não foi sua surpresa ao encontrar, no meio de vários objetos antigos como por exemplo uma luneta e um chapéu, uma fotografia da sua mãe dentro de um porta-retratos.

Capítulo VI

Uma semana passou e Joana tinha falado com sua mãe algumas vezes no telefone e outras quando ia visitá-la no hospital. Nessas ocasiões era uma festa só. Os avós diziam para ela não exagerar devido ao estado de Cátia, mas Joana não se dava por convencida enquanto não abraçava e beijava a mãe várias vezes.

--- Eu gosto muito de você, mamãe.

--- E eu de você, minha querida e eu de você.

A saúde de Cátia estava bastante debilitada e os médicos não sabiam se ela resistiria muito mais tempo. Dona Carmélia e Seu Euzébio deixaram Joana brincando na de espera e foram falar com Cátia no quarto. A garotinha sabia que eram "assuntos adultos" e ela não devia se intrometer, mesmo assim, desta vez foi ouvir encostando o ouvido na porta. Não conseguiu escutar muita coisa; só uma história complicada sobre o pai dela, Pedro e um pouco de desânimo nas vozes de todos.

Cátia morreu duas semanas depois e quando Joana soube, ficou com muita raiva ao invés de ficar triste. A garotinha dava chutes nos avós quando eles chegavam perto e falava muitos palavrões enquanto estava sozinha. Ficava emburrada a maior parte do tempo. Ela mesma não sabia o porquê de tanta raiva e só soube explicar a razão quando voltou do colégio certo dia e comparou a sua vida com a de outras coleguinhas. A raiva era porque as outras meninas do colégio todas tinham suas mães, mas ela não. Além disso, o pai não morava com ela e poucas vezes vinha vê-la. Uma grande injustiça estava sendo cometida; ela não suportava aquilo e estava prestes a explodir.

Sabia intimamente que a culpa não era de seus avós e de ninguém, porém era muita dor para agüentar de uma forma passiva, queria expressar sua aflição de

todas as maneiras possíveis. Na verdade, não desejava mostrar esse sentimento a todo mundo, mas acabava acontecendo sem controle, devagarinho e quando ela via, de repente já estava tomando proporções muito maiores com ela derrubando o prato de comida no almoço ou quebrando vidraças da janela da sala de estar.

Seu Euzébio e Dona Ana estavam muito tristes naqueles dias e não tinham muita força para repreender a menina. Deixavam que ela se comportasse agressivamente até que ela quebrava alguma coisa, aí eles brigavam. Só uma coisa os avós não permitiam que ela fizesse: dizer palavrões. E isso ela queria fazer mais do que tudo, justamente porque não podia. Sempre que ela falava, recebia um senhor sermão, quando a avó não lhe dava um tapa na boca que é para que parasse com aquilo.

--- Onde já se viu? Essa menina está impossível. Parece um dragão soltando fogo pela boca.

--- Isso é uma fase, Ana. -- dizia Seu Euzébio que tentava acalmar as coisas, embora também brigasse bastante com Joana quando ela dava seus ataques.

--- Desse jeito vamos ter que dar um calmante para ela.

--- Deixa as coisas como estão. Logo ela vai se cansar de tanta agitação.

--- É, mas eu não vou agüentar por muito mais tempo, não.

--- O tempo cura tudo.

Os dias foram se passando e Joana continuava irritada como sempre. Queria arranjar um jeito de falar palavrões sem receber repreensões, então teve uma idéia muito peculiar à sua pessoa. Se Rebolo fosse um papagaio, poderia ensinar-lhe a dizer palavrões. Ele diria e ela não poderia receber nenhum sermão. O gato que estava por perto quando ela teve o lampejo, olhou imediatamente para Joana, antevendo problemas futuros e foi se esconder.

A garotinha estudou uma ma-neira de transformar Rebolo em papagaio para poder funcionar seu plano de afronta ao mundo através do palavrão. Queria fazer sofrer as pessoas e para isso podia lançar mão de vários artifícios, mas nenhum parecia mais tentador do que ter um papagaio mal-educado.

Ela até fez um versinho para que o gato passasse a ser um papagaio muito falante da maneira mais suave possível. Era mais ou menos assim:

Gato eu sou

Sei que não é para sempre

Só por enquanto assim eu vou

Talvez no mês de maio
Quando a Joana quiser
Vou dar uma de papagaio

Aí terei penas e bico
Para falar palavrão
E pagar mico

Um gato-papagaio era realmente um mico. Mas o que fazer? Era preciso. Afinal de contas, queria dizer todos os palavrões possíveis, até os mais cabeludos e não podia; essa era a única maneira.

Leu o versinho para Rebolo que logo depois se espichou todo e criou um bico no lugar do focinho. Não era exatamente o que Joana queria mas quem sabe poderia resolver. Foi então ensiná-lo a falar.

--- Mer-da. Vai, fala.

O bichano não repetia. Só tinha vontade mesmo é que Joana esquecesse aquela idéia. Enquanto isso não acontecia, ia enganando ela, com um bico, só para agradá-la. Mas falar, já era demais, não dava para falar não.

"Se ele estivesse com penas talvez pegasse o espírito" -- pensou ela. Procurou nas coisas da avó, a

pena de pavão que ela guardava entre as páginas de um livro. Não era pena de papagaio, mas ia servir assim mesmo. Depois que achou, foi até Rebolo para presenteá-lo com o adereço. Muito a contragosto do gato, conseguiu pendurar a pena no rabo dele com fita crepe.

--- Agora sim. Você é uma ave. Comporte-se como uma.

O bichano começou a balançar as "asas" como fazem os bichos de pena sem muita vontade mas tendo consciência de que Joana não o deixaria em paz se não tivesse certeza de que ele tinha se transformado num papagaio. Assim sendo, procurava assumir sua nova identidade de ave e quando a menina percebeu que o bichano tinha finalmente se resignado à sua condição de papagaio, passou a jogar nele todos os palavrões possíveis e imaginários.

--- Olha o palavreado, menina. O que está acontecendo?

--- Estou ensinando a ele falar palavrão. Ele agora é um papagaio. --- disse Joana ao avô que cada vez menos entendia aquele comportamento da neta.

--- Em primeiro lugar, já disse que não fica bem para uma mocinha falar esse tipo de coisa. Em segundo lugar, o Rebolo não é papagaio, ele é um gato e ponto final.

--- Ele se transformou. Não tá vendo a pena no rabo dele.

--- Não faça isso com o bicho, Joana. Coitado.

--- Coitado nada. Ele tem que me obedecer.

Depois de muitas tentativas, Joana desistiu de fazer o gato-papagaio falar, o que a deixou sozinha de novo, porque seu avô tinha ido cuidar de outras coisas e Rebolo aproveitou para se mandar de fininho. E quando ela ficava sozinha o sentimento de injustiça costumava aparecer. Como dessa vez o sentimento vinha ainda mais forte, a sensação era que ela ia explodir de tanta raiva. Soltar fogo pela boca como um dragão! Isso! Se ela fosse um dragão como a avó falava poderia soltar fogo e talvez acabar com a raiva. Decidiu então se transformar num bicho que tinha visto num álbum de figurinhas: um dragão de komodo.

Capítulo VII

Abria a bocarra, botava a língua de lagarto para fora e balançava a cabeça para os lados e para cima. Eriçava o focinho soltando ar pelas narinas.

Também jogava o rabo de um lugar para outro e a fim de tomar folêgo, fechava um pouco a boca e abaixava a cabeça, após o quê, continuava com o ritual. Mas nada do que ela queria acontecia. Depois de muitas tentativas passou a dar uns gritinhos em seguida, que como era um lagarto, saíam bem esquisitos.

--- Bom dia. Poderia perguntar o que está tentando fazer? -- perguntou um outro dragão de komodo que surgira entre as pedras do vale.

--- Bom dia. Estou tentando... soltar fogo. Mas não sei se solto fogo pela boca ou pelo nariz. Como soltamos fogo? Pela boca ou pelo nariz? -- respondeu Joana sem parar de executar seu ritual.

--- Nós dragões de komodo não soltamos fogo nem pela boca nem pelo nariz.

--- Como não? Não somos dragões? Todo dragão que se preza...

--- Somos lagartos. Nosso nome vem de lendas humanas, por causa de nossa aparência com tamanho e peso muito grandes mas não somos seres mitológicos que têm poderes sobrenaturais.

--- Ah, que pena.

--- Que pena porquê?

--- Porque eu poderia ter acabado com a minha raiva, despejando fogo.

--- Você já não está mais com raiva.

--- Como você sabe?

--- Se estivesse não estaria falando sobre a própria raiva.

--- É. Sabe que você tem razão.

Joana sabia naquele momento que o que a impelia a fazer coisas "feias", como dizer palavrão, era mesmo a sua maldadezinha como ela já suspeitava e não a raiva pela injustiça da perda da mãe. Desse modo ficou mais tranqüila, pois não seria preciso tomar medidas sérias para se livrar da raiva.

Curiosa com aquele dragão que apareceu para bater um papo com ela, perguntou ao lagartão o que os dragões de komodo faziam nas horas vagas. A resposta não foi muito satisfatória. O réptil simplesmente disse: "Nós caçamos". E se limitou a descrever como se dava uma caçada: Primeiro, com muito cuidado, nos aproximamos do bicho que queremos -- pode ser até um búfalo, por exemplo -- daí ficamos bem paradinhos e esperamos ele ficar numa posição que possamos morder. Nossa saliva é na verdade um cocktail de bactérias que é mortal. Se por acaso nos mordessemos, morreríamos com nosso próprio veneno! Depois da mordida, geralmente o animal foge e temos que segui-lo até que ele morra pela infecção. Depois quando a presa morta já está cheirando a carne putrefacta -- e podemos captar o

cheiro até 7 km de distância -- vamos até o local e despedaçamos a carne com as unhas e a boca.

A menininha-dragão sentiu um nojo muito grande daquilo e chegou mesmo a ter uma ânsia de vômito. Achou por bem deixar de ser um dragão para voltar à casa dos avós e sair daquela ilha que era onde moravam os lagartos. Antes dela ir embora ela ouviu da boca do bicho que ele se sentia muito mal por que vivia num parque nacional há alguns anos e não numa área livre. Era por causa da ameaça de extinção da espécie. Joana disse que achava muito ruim aquela situação. Se despediu do dragão e virou uma menina novamente.

--- Parece que ela se aquietou dessa vez, Euzébio. --- declarou Dona Ana depois de alguns dias de sossego da agitação de Joana.

--- É. Como eu disse. Tudo passa. Além do mais ela agora está entretida com os filhotinhos da gata da vizinha.

A menina realmente só queria saber de tomar conta dos dois gatinhos, cria de Tamara - a gata da vizinha -- e provavelmente de Rebolo que andava nos quintais do vizinho provavelmente atrás de Tamara. Eram duas "fofurinhas" no dizer da própria garotinha que andavam de um lado para outro e brincavam muito

com qualquer objeto ao alcance quando não estavam dormindo.

Certa vez, um deles, o Ariosto subiu numa escada que Seu Euzébio tinha colocado na sala para trocar a lâmpada e se colocou no meio do lustre, sem saber descer depois. Miava sem parar pedindo socorro e Joana foi tentar tirá-lo. Subiu com muito cuidado os degraus da escada; quando chegou no último agarrou o gatinho, aninhando-o entre os braços. Por um instante quase perdeu o equilíbrio ao começar a descer num passo em falso; depois recuperou-se. Ela estava sem apoio porque segurava o filhotinho com as duas mãos e quando já estava no fim da escada, no segundo para o primeiro degrau, escorregou e caiu no chão, deixando o filhote escapulir entre as mãos, são e salvo.

Felizmente não teve nenhum ferimento, mas quando levantou, lembrou-se da mãe doente e teve a séria impressão que a queda fora um castigo por não ter ficado triste -- e sim com raiva --- ao saber da sua morte. Daí se sentiu extremamente culpada e teve vontade de conversar sobre aquilo. Teve a oportunidade quando os avós a levaram à praia em Itacoatiara.

--- Estou me sentindo muito mal, vô.

--- Porque meu anjo?

--- Tenho a impressão de que deveria ter feito uma coisa e não fiz.

--- O que você deveria ter feito?

--- Eu deveria ter ficado triste quando a mamãe morreu. Mas não senti esse sentimento.

--- Você ficou foi muito agitada...

--- É. Foi. Mas agora estou sentindo que deveria ter chorado e tudo.

--- O normal seria que você tivesse ficado triste e até chorado um pouco sim. Mas não se culpe por isso, minha querida; o tempo vai passar, como diz o seu avô e as coisas vão mudar. Você vai sentir necessidade de chorar algumas vezes e de se sentir agradecida e feliz outras vezes. Deus sabe o que faz.

--- Quando a mamãe morreu eu me senti até um pouco feliz. Sabe porque? Ela parecia tão sofrida com a doença que eu achei que ... sei lá... foi melhor.

--- Aí tá vendo. Você já está chorando.

--- É. --- a menina abraçou a avó longamente enquanto as duas observavam o grande horizonte; o céu de azul límpido se encontrando com o mar de um azul não menos bonito, numa harmonia suprema.

--- Estou com um pouco de medo também. O que vai acontecer quando vocês morrerem? Eu vou ficar só com o meu pai e ele quase não vem me ver.

--- O futuro a Deus pertence, Joana.

--- Olha! Rebolo e os gatinhos estão indo na água!

--- Tira eles de lá, minha querida.

--- Tá bom.

A garotinha rapidamente puxou Rebolo e os filhotinhos para longe do mar. E os três ficaram brincando mais perto da areia. Ariosto como sempre muito curioso quase tinha levado Lico - o outro gatinho - para a água. Rebolo tinha ido de encherido que é. Pensou então como seria legal se Ariosto, ao invés de um gato, fosse uma joaninha que conversava com uma formiguinha menos atarefada com o trabalho ou uma gaivota sempre livre das armadilhas do bicho homem ou uma baleia que não tem medo de homens caçadores de baleia e não precisa de um peixe-espada para abrir um baú cheio de ouro com o qual vai barganhar sua liberdade ou ainda um dragão de comodo que pudesse viver sem ter que se preocupar com a própria extinção.... Quem sabe então ela poderia deixar de ser esses seres todos e ser só Joana, a filha do Universo.

Epílogo

Joana escreveu vários poemas, além daquele do gato e o papagaio. Querendo, ou não, eles fazem parte dessa história.

A baleia nada pelos mares e oceanos
Eu também nado como uma baleia
Não pelos mares e oceanos
Pelas banheiras e duchas, anos e anos
Eu também nado como uma baleia
Que poesia feia

Esse foi um outro poema que a menina fez
quando transformou-se em um dragão de komodo:

Fogo pela língua
Solta o dragão

Fogo pela língua
Solta o dragão
A língua e o dragão
O fogo e a língua
Mostre a língua, dragão...
Mas não fale palavrão!

Depois de certo tempo, Joana aprimorou-se de
verdade,

Dragão que solta fogo
Fogo que solta dragão
Se eu fosse São Jorge
Não soltava não

Dragão, dragão, dragonete
Não sou dragão não

Quem sabe

Dragonete...

Um tesouro de ouro

Está escondido no fundo do mar

Quem achar, não poderá reclamar

Passarinho ficou preso

Deus soltou depois

Ora pois, pois

Joana teve seus momentos bons. Joana, a poeta. Esse último poema dedicou à sua mãe:

Nas nuvens do céu

Algum dia

Encontro com mamãe

Não sei se será dia

Ou se será noite

No céu

Sobre o autor:

Mauricio Duarte (Divyamn Anuraghi) é um meditador.
Escritor de ficção, ilustrador e artista visual.

**Este livro foi diagramado na primavera de
2009 em tipologia Estrangelo Edessa
corpo 10 e corpo 12 e em
Goudy Old Style BT corpo 26.**